



Centro Universitário Newton Paiva

METODOLOGIA DE PESQUISA

Autora: Adalci Righi Viggiano

Minas Gerais – 2011

ESTRUTURA FORMAL DA INSTITUIÇÃO

REITOR

LUÍS CARLOS DE SOUZA VIEIRA

PRÓ-REITOR ACADÊMICO

SUDÁRIO PAPA FILHO

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

AÉCIO ANTÔNIO DE OLIVEIRA

COORDENAÇÃO TECNOLÓGICA

EDUARDO DIAS

COORDENAÇÃO DE CURSOS GERENCIAIS

HELBERT JOSÉ DE GOES

COORDENAÇÃO DE CURSOS LICENCIATURA/ LETRAS

LAILA MARIA HAMDAN ALVIM

COORDENAÇÃO DE CURSOS LICENCIATURA/PEDAGOGIA

LENISE MARIA RIBEIRO ORTEGA

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

AMANDA TOLOMELLI BRESCIA

KÊNIA DA SILVA CUNHA

AUXILIAR PEDAGÓGICA

SANDRA MARA RICARDO

INSTRUCIONAL DESIGNER

DÉBORA CRISTINA CORDEIRO CAMPOS LEAL

ESTER CRISTINA SANTOS DE OLIVEIRA

EQUIPE DE WEB DESIGNER

CARLOS ROBERTO DOS SANTOS JÚNIOR

DANIEL EUSTÁQUIO DA SILVA MELO RODRIGUES

ERNANE GONÇALVES QUEIROZ

GABRIELA SANTOS DA PENHA

SECRETARIA

MARIA LUIZA AYRES

REVISORA ORTOGRÁFICA

MARIA DE LOURDES SOARES MONTEIRO RAMALHO

MONITORIA

ELZA MARIA GOMES

MIRIA NERES PEREIRA

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

THAYMON VASCONCELOS SOARES

AUXILIAR DE TUTORIA

FERNANDA MARCEDO DE SOUZA ZOLIO

LUANA DOS SANTOS ROSSI

MARIARA TAVARES DIAS RIOGA

Sumário

Unidade 1: Metodologia, o que é isso?	5
Unidade 2: Citação, referência e artigo	20
Unidade 3: Projeto, relatório técnico-científico e monografia.	41
Unidade 4: Tipos de Pesquisa	58

Ícones

Comentários



Reflexão



Dica



Lembrete





Unidade 1: Metodologia, o que é isso?



1. Nosso Tema

Prezado aluno:

Nesta unidade, trabalharemos vários aspectos da redação científica. Iniciaremos com a discussão do que é ciência e como distingui-la dos principais tipos de conhecimentos que habitam a nossa cultura. Logo depois, trabalharemos o formato da redação científica; e, por fim, iniciaremos a aprendizagem dos tipos de trabalho científico a que estamos sujeitos em nossas atividades laborais e em nossa vida acadêmica.

Ao contrário do que muitos imaginam, a ciência é um tipo de conhecimento relativamente novo na história da humanidade. Enquanto a ciência surgiu com o iluminismo no século XVIII, a religião é tão antiga quanto a própria história da humanidade, visto que o homem sempre acreditou que algum ser divino fosse responsável pela sua existência e, assim, buscou e ainda busca explicação religiosa para tudo aquilo que escapa ao seu conhecimento. A filosofia também é bem anterior à ciência tendo surgido na Grécia antiga em 1000 a.C.

Apesar de nova e relativamente recente, a ciência causou, causa e causará ainda grandes mudanças em nossa sociedade e cultura. Pense nos avanços advindos pós-ciência: o surgimento da medicina e o prolongamento da vida humana, a criação de um conjunto sem fim de invenções, a eletrônica, a eletricidade, a mecânica, os avanços em telecomunicações e tudo isso com apenas 200 anos de existência!!!

Estamos engatinhando em uma revolução que parece não estar, nem de longe, perto de acabar...



2. Para Refletir

Aprendemos Metodologia nos cursos de graduação e em cursos de pós, mas pouco se fala sobre a sua importância e razão. A metodologia sempre foi e sempre será discutida em ciência e no mundo do trabalho. Sim, no mundo do trabalho também!!! Acontece que é exatamente o método que garante toda a nossa produção atual, seja de conhecimento, seja dos bens materiais que temos a nossa volta. Sem notar, desde cedo na mais tenra infância, nossos pais nos ensinam o método correto de escovar os dentes, o método correto de segurar um garfo para deliciarmos o almoço, o método correto de mastigar os alimentos, o método de lavar as mãos...

Como disse anteriormente, o método também está presente em nosso trabalho. Preste atenção a sua volta, temos um método para atender ao telefone, um método para atender a um cliente que chega à loja, um método para arquivar documentos, um método para nos vestirmos adequadamente para cada ocasião (de casamentos ao nosso trabalho cotidiano), um método para apertarmos o parafuso com a chave de fenda. São tantos os exemplos que poderia ficar escrevendo linhas e mais linhas sobre a presença do método em nosso dia a dia...

Então, mãos à obra!!! Prepare-se para adentrar em um mundo onde o método fundamenta o conhecimento: a metodologia de pesquisa.



3. Conteúdo Didático

3.1. Tipos de conhecimento

Uma das características que difere o homem dos demais seres que habitam este planeta é exatamente a curiosidade e o constante desejo de conhecer e prever o mundo que o cerca. O homem é curioso por natureza! Tanto, que é comum percebermos, mesmo nos bebês, expressões que revelam a curiosidade e o desejo de aprender e manipular tudo que o cerca.



O conhecimento pode ser definido como sendo a manifestação da consciência-de-conhecer; é a consciência de conhecimento. De forma mais simplificada, diz-se que o conhecimento existe quando a pessoa ultrapassa o 'dado' vivido, explicando-o. (BARROS; LEHFELD. 2004, p.30).

O homem, ao nascer, se depara com uma realidade inóspita e luta, através do conhecimento que adquire, para se adaptar a este mundo. O bebê humano é, então, introduzido em uma cultura através do processo de socialização e vai, progressivamente, se interrogando sobre os significados daquilo que o cerca.

A ciência nasce desse desejo e da necessidade de se adaptar e tornar o mundo um lugar mais propício para a humanidade. O cientista é aquele que interroga a realidade que encontra, em busca de respostas e significados que auxiliem nesse eterno processo de adaptação humana.

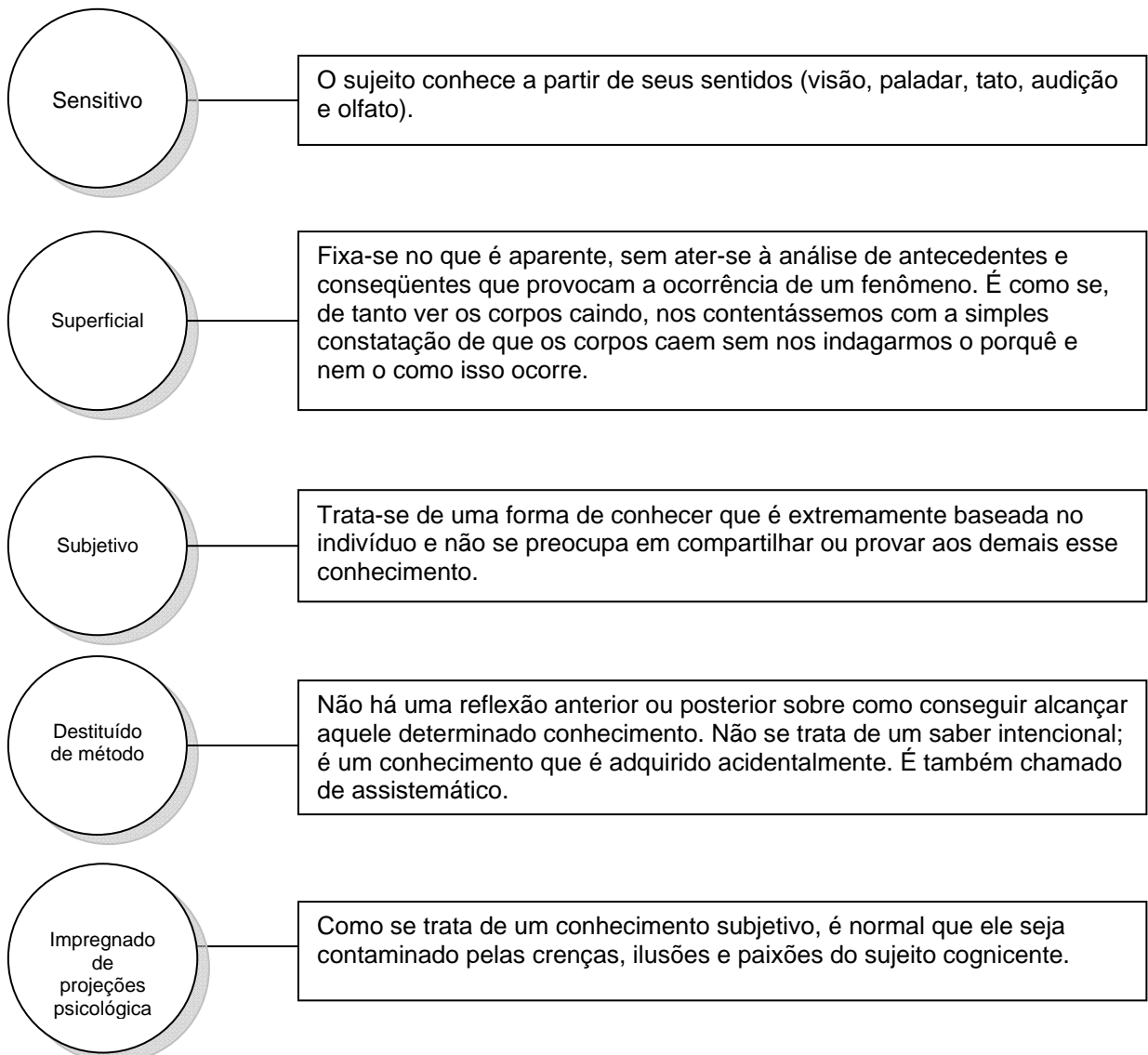
Existem outras formas de conhecimento que surgiram antes da ciência e que possuem, também, o mesmo intuito: o conhecimento sensível (o senso comum), o conhecimento filosófico e o conhecimento teológico.

3.1.1. Conhecimento Sensível ou Senso comum

A forma mais usual que o homem utiliza para interpretar a si mesmo, o seu mundo e o universo como um todo, produzindo interpretações significativas, isto é, conhecimento, é a do senso comum. [...] esse conhecimento surge da necessidade de resolver problemas imediatos, que aparecem na vida prática e decorrem do contato direto com os fatos e fenômenos que vão acontecendo no dia-a-dia, percebido principalmente através da percepção sensorial. (KOCHE, 1999, p. 23-24).

Como podemos ver, o conhecimento sensível é um tipo de conhecimento que se obtém através do dia-a-dia e da experiência cotidiana.

Vejamos suas características (BARROS & LEHFELD, 2004, 33):



Vamos exemplificar?

Imagine um jogador que presencia um amigo assoprar os dados antes de jogar, e que, logo após esse sopro, ganha o jogo. Ele pode associar o ato de soprar ao fato de vencer e, então, passar a assoprar, compulsivamente, toda vez que for lançar os dados.

Esse exemplo ilustra bem todas as características apresentadas, visto que o jogador se baseou simplesmente no que viu e nas suas próprias crenças e superstições, sem se questionar sobre as reais causas e conseqüências desse sopro e sem criar meios e métodos para comprovar ou refutar o conhecimento que ele adquiriu.

3.1.2. Conhecimento Filosófico



FILOSOFIA => Philos = Amigo e Sophia = Sabedoria

Essa expressão define a universalidade do conhecimento humano. É um tipo de conhecimento que busca a universalidade. Pode-se dizer que essa universalidade foi alcançada, visto que a filosofia é o conhecimento fundador de todas as demais ciências.



Você sabia que a principal técnica utilizada para a aquisição de conhecimento filosófico é a argumentação?

Quando surgiu, a filosofia tinha por objetivo questionar a natureza humana, a realidade e o mundo que a cercava. Essa linha de investigação avançou tanto que hoje temos, como fruto da filosofia, a ciência.

Hoje em dia, presenciamos uma grande discussão sobre o conhecimento filosófico. Existem autores que o caracterizam como científico e outros que o tipificam como um conhecimento não científico, que tem como função fazer crítica à ciência e ao conhecimento que ela produz.

“Na atualidade, ser filósofo é uma disposição de interrogar sobre o mundo, de refletir sobre o próprio saber e problematizá-lo. Nesse sentido, a filosofia contemporânea (...) cumpre a tarefa de elaborar pressupostos e princípios norteadores da ação humana.” (BARROS; LEHFELD. 2004. p. 35).

3.1.3. Conhecimento Teológico



Ilustração 1 - Pictograma representando o deus egípcio: Anúbis - 2006 - Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/artes/mundoantigo/egito/p2.htm>>

A teologia tem como objeto de estudo o princípio da vida. A matéria de estudo é Deus, como Ser que existe independentemente e que detém não potencialidades, mas a ação do perfeito.

Do ponto de vista teológico, a existência de Deus é evidente e inquestionável. Não se deve questionar, demonstrar ou realizar experimentos para comprovar ou refutar a sua existência.

Na teologia, o método é reflexivo e lógico, e o princípio que rege esse conhecimento é o da revelação.



3.2. O que é Ciência afinal?

Bom, agora que deixamos bem claro o que é conhecimento e as diversas formas de adquiri-lo, falta explicitar o que é ciência e o que a difere das outras formas de conhecimento.

A ciência difere das outras formas de conhecimento, porque ela exige que o conhecimento adquirido seja provado, testado e aprovado por outros que também tenham o mesmo interesse de pesquisa. Assim sendo, o conhecimento científico é sistemático, organizado, objetivo, comprovado e aceito por outros cientistas.

Deu para notar que a pesquisa tem um papel fundamental na ciência, visto que é ela que garante que a organização, replicabilidade e a comprovação do experimento que levou à aquisição de um conhecimento.

De acordo com Best (*apud* MARCONI & LAKATOS, 1990), toda pesquisa tem as seguintes características:

- ☒ **Procedimento sistematizado** – Toda pesquisa precisa de um meio padronizado de investigação para garantir a comprovação e a verificação das idéias coletadas.
- ☒ **Exploração técnica, sistemática e exata** - Com base em conhecimentos teóricos, o pesquisador escolhe, cuidadosamente, o procedimento que irá usar; formula problemas e hipóteses; registra os dados e os analisa com a maior exatidão possível, visando à comprovação dos dados.
- ☒ **Pesquisa lógica e objetiva** – Utilização de todas as provas possíveis para o controle dos dados coletados e procedimentos empregados. O pesquisador não deve coletar dados que apenas comprovem a sua hipótese, deve ter um compromisso com a realidade dos fatos e investigar objetivamente e de forma o mais neutra possível.
- ☒ **Organização dos dados** – Os dados devem ser agrupados e organizados para posterior análise metódica. O pesquisador não deve ter pressa, pois descobertas significativas resultam de procedimentos cuidadosos e não apressados.
- ☒ **Relato e registro metódico e detalhado da pesquisa** – A metodologia, assim como as referências bibliográficas e a terminologia empregada, deve ser cuidadosamente escolhida e indicada. Os fatores limitativos devem ser apontados e todos os resultados registrados com a maior objetividade.



Veremos agora um trecho da introdução do livro *O Golem* (COLLINS, PINCH, 2003), com o intuito de entender melhor a ciência!

Introdução

A ciência parece ser totalmente boa ou totalmente má. Para alguns, ciência é um cavaleiro das cruzadas cercado de místicos simplórios, enquanto figuras mais sinistras aguardam para fundar um novo fascismo nascido do triunfo da ignorância. Para outros, o inimigo é a ciência; nosso planeta gentil, nosso sentimento de justiça, nossa sensibilidade poética e estética são agredidos por uma burocracia tecnológica — a antítese da cultura — controlada por capitalistas cujo único interesse é o lucro. Para alguns, a ciência nos proporciona autonomia agrícola, a cura dos deficientes, uma rede de comunicação global; para outros, ela fornece as armas da guerra, a morte ardente de um professor enquanto o ônibus espacial cai das nuvens, o silencioso e dissimulado veneno dos ossos: Chernobil.

Essas duas visões da ciência são erradas e perigosas. A personalidade da ciência não corresponde nem ao cavaleiro das cruzadas nem a um impiedoso deus hindu. Então, o que é ciência? Ela é um golem.

Golem é uma criatura da mitologia judaica. É um humanóide feito de barro e água por meio de encantamentos e feitiçaria. Ele é poderoso e vai se tornando mais poderoso com o passar dos dias. Obedece a ordens, faz o seu trabalho e protege você da constante ameaça do inimigo, mas é desajeitado e perigoso; sem controle, pode destruir os amos com sua agitada vitalidade.

A idéia do golem assume diferentes conotações em diferentes lendas. Em algumas, ele é aterradoramente maléfico, mas existe uma tradição mais rústica: no iídiche, proveniente dos guetos do leste europeu, um golem (pronuncia-se "goilem" nesse dialeto) é uma metáfora de qualquer bobo pesadão que desconhece tanto sua força como o grau da sua falta de jeito e ignorância. Para a avó de Collins, era bom conhecer um golem se você quisesse ter o jardim podado, mas as crianças eram aconselhadas a manter distância. Esse golem não é um demônio perverso, mas um gigante desajeitado.

Já que estamos nos valendo do golem como metáfora da ciência, é bom mencionar que, na tradição medieval, essa criatura de barro passava a ter vida quando a palavra hebraica emeth, que significa "verdade", era inscrita em sua testa — é a verdade que o impulsiona. Entretanto, isso não significa que ele compreenda a verdade — longe disso.



A idéia aqui é explicar o golem que é a ciência. Nossa intenção é mostrar que ele não é uma criatura diabólica, mas sim um tanto boba. A ciência do golem não pode ser responsabilizada pelos seus erros; os erros são nossos. Um golem não pode ser culpado se está dando o melhor de si. Mas não devemos esperar demais. O golem, mesmo poderoso, é uma criatura da nossa arte e habilidade.

3.3. Modelos de Trabalho Científico

Agora que fizemos uma rápida revisão do que é ciência, você está preparado para desvendar as várias formas de redação, preparação e análise do material científico.

Olha só quanta variedade temos a nossa disposição:

- ☐ Resumo
- ☐ Esquema
- ☐ Resenha
- ☐ Sinóptico
- ☐ Relatório Gerencial
- ☐ Monografia
- ☐ Dissertação
- ☐ Tese

Discutiremos quando cada uma dessas formas de redação que será utilizada em seu trabalho de pesquisa. Vamos começar?

Resumo

É usado para organizar a pesquisa bibliográfica. Em uma pesquisa, deparamo-nos com uma quantidade muito grande de informações e leitura. O resumo é um instrumento muito útil para organizar a leitura realizada em fichas, facilitando o acesso às fontes de informação frente à necessidade de citar ou referenciar um autor. (É comum nos lembramos do que é dito, mas a nossa memória costuma falhar quando precisamos lembrar o autor da idéia apresentada).

Dicas para um bom resumo:

- ☒ Não resumir antes de realizar um esquema e preparar anotações de leitura;
- ☒ Usar frases breves e objetivas;
- ☒ Deixar bem claro para o leitor que a idéia apresentada não é sua e sim do autor do texto resumido (use expressões como: de acordo com fulano em seu artigo X, na opinião de sicrano, beltrano em seu artigo X nos apresenta...);
- ☒ No final do seu resumo SEMPRE deve constar a referência bibliográfica do texto lido.



Fases para a elaboração de um resumo (BARROS & LEHFELD, 2004, p. 21-22):

- 1º. Ler e reler o texto para entendê-lo a fundo;
- 2º. Procurar a idéia-tópico (idéia principal) de cada parágrafo;
- 3º. Relacionar e ordenar as idéias dos parágrafos. Ao entender a idéia principal de um parágrafo, relacione-a com o parágrafo anterior e posterior;
- 4º. Escrever a síntese, formando frases com todas as idéias principais;
- 5º. Confrontar a síntese com o original para que nada de importante seja omitido;
- 6º. Redigir, finalmente, com estilo e nas suas palavras.

Esquema

É também muito usado para se ter uma rápida visualização dos capítulos, trechos ou elementos principais tratados em um texto. É muito útil para se ter uma visão rápida e completa do todo trabalhado em um livro, artigo ou seminário. É extremamente importante realizar um esquema do que vamos escrever para não nos perdermos na redação e mantermos uma coerência lógica entre os diversos capítulos ou parágrafos que serão redigidos.

Características de um esquema (BARROS & LEHFELD, 2004, p.22):

- ☒ Fidelidade ao original;
- ☒ Estrutura lógica;
- ☒ Flexibilidade e funcionalidade (uma olhada apenas e já temos uma noção de todo o conteúdo).

Resenha

O termo resenha não está bem definido em nossa literatura científica. Autores como Mattar (2004) consideram resumo e resenha como sinônimos. Outros como Marconi & Lakatos (1992) consideram como resenha uma visão técnica, juntamente com uma avaliação do conhecimento prévio dos autores e uma avaliação do resenhista sobre o conteúdo lido.

A minha visão de resenha está em consonância com Gil (1994) e com Barros & Lehfelld (2003). Percebo a resenha como um texto dissertativo que apresenta os principais pontos trabalhados pelo autor, juntamente com uma avaliação do resenhista sobre o conteúdo. Assim sendo, o termo resenha crítica torna-se um pleonasmo vicioso, visto que toda resenha é crítica!



Sinóptico

É a colocação do texto entre chaves. Trata-se de organizar o texto de forma esquemática entre chaves.

Artigo

“Um artigo é um relatório escrito e publicado, descrevendo resultados originais de pesquisa, cuja forma atual deriva de séculos de tradição e de construção de uma ética e de uma estética específicas...” (SILVA, 2002, p. 23).



A principal função do artigo é comunicar a comunidade sobre a descoberta e/ou conhecimento adquirido. Essa é uma forma de submeter o conhecimento e o experimento à crítica de outros cientistas e da comunidade.

Relatório Técnico

Ao final de cada módulo, você deverá redigir um relatório técnico, apresentando a pesquisa que realizou, como forma de desenvolvimento das habilidades e competências propostas no curso. Esta é a proposta de um relatório: apresentar, através de uma linguagem técnica e formal, os dados e resultados adquiridos com o desenrolar de um projeto. No nosso caso, o Projeto Interdisciplinar.

No decorrer desta disciplina, iremos nos aprofundar no ‘como fazer’ esse relatório.

Monografia

De acordo com Marconi & Lakatos (1992, p.151), uma monografia é “um estudo sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece à rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto não só em profundidade, mas em todos os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destina”.

Tem como fundamento a escolha de uma unidade ou elemento social, sob duas circunstâncias (MARCONI & LAKATOS, 1992, p.151):

- 1º. Deve ser suficientemente representativo de um todo;
- 2º. Deve ser capaz de reunir elementos constitutivos de um sistema social ou de refletir as incidências e fenômenos de caráter autenticamente coletivos.



Características de uma monografia (MARCONI e LAKATOS, 1992):

- ☒ Trabalho escrito, sistemático e completo;
- ☒ Tema específico ou particular de uma ciência ou parte dela;
- ☒ Estudo pormenorizado e exaustivo, abordando vários aspectos e ângulos do caso;
- ☒ Tratamento extenso em profundidade, mas não em alcance;
- ☒ Metodologia de pesquisa;
- ☒ Contribuição importante, original e pessoal para a ciência;

Dissertação

A dissertação é um estudo teórico, de natureza reflexiva, feitos nos moldes científicos e defendida frente a uma banca examinadora com o intuito de se obter o título de Mestre.

Tese

“Tese é uma das modalidades de trabalho científico cuja origem se encontra na idade média. Naquela época, a defesa de tese representava ‘o momento culminante de quem aspirava ao título de doutor. (...) É um tipo de trabalho científico que levanta, coloca e soluciona problemas.” (MARCONI e LAKATOS-1992, p.165-166).

Tanto a dissertação quanto a tese têm como objetivo consagrar a aquisição da lógica de processos científicos. A dissertação é uma iniciação à ciência; a dissertação deve sempre ser defendida por uma banca composta por no mínimo quatro cientistas consagrados na área de estudo. Após a defesa da pesquisa, a banca decide se a pessoa adquiriu ou não conhecimentos de nível intermediário em ciência. Se o parecer for favorável, temos o surgimento de um mestre.

A Tese é o aprofundamento do conhecimento e dos métodos científicos. Após estudar por aproximadamente quatro anos um determinado conteúdo, o doutorando deve apresentar à banca, também composta por 4 cientistas consagrados, uma tese que comprove o conhecimento dos métodos científicos no estudo de um tema inédito. Após sua aprovação, temos um doutor em determinado conteúdo. Esse título de doutor significa que a pessoa contribuiu um pouco para o progresso da ciência, trazendo um novo conhecimento para a nossa sociedade.



4. Teoria na Prática

Os esquemas podem ser importantes instrumentos para organizarem as nossas falas em apresentações orais como palestras em simpósios e congressos ou participação em mesas redondas. O esquema também pode ser utilizado em *slides* facilitando a apresentação em eventos em que utilizamos o *Power Point*, *Datashow* ou qualquer outro tipo de aparelho projetor.

Abaixo, visualize alguns esquemas:

Artigo

Tipo de trabalho acadêmico que tem por finalidade expor determinado conhecimento à comunidade acadêmica;
Deve conter obrigatoriamente: título, autor (es), resumo com palavras-chave, resumo em língua estrangeira, introdução, desenvolvimento, conclusão e referências;

Resumo

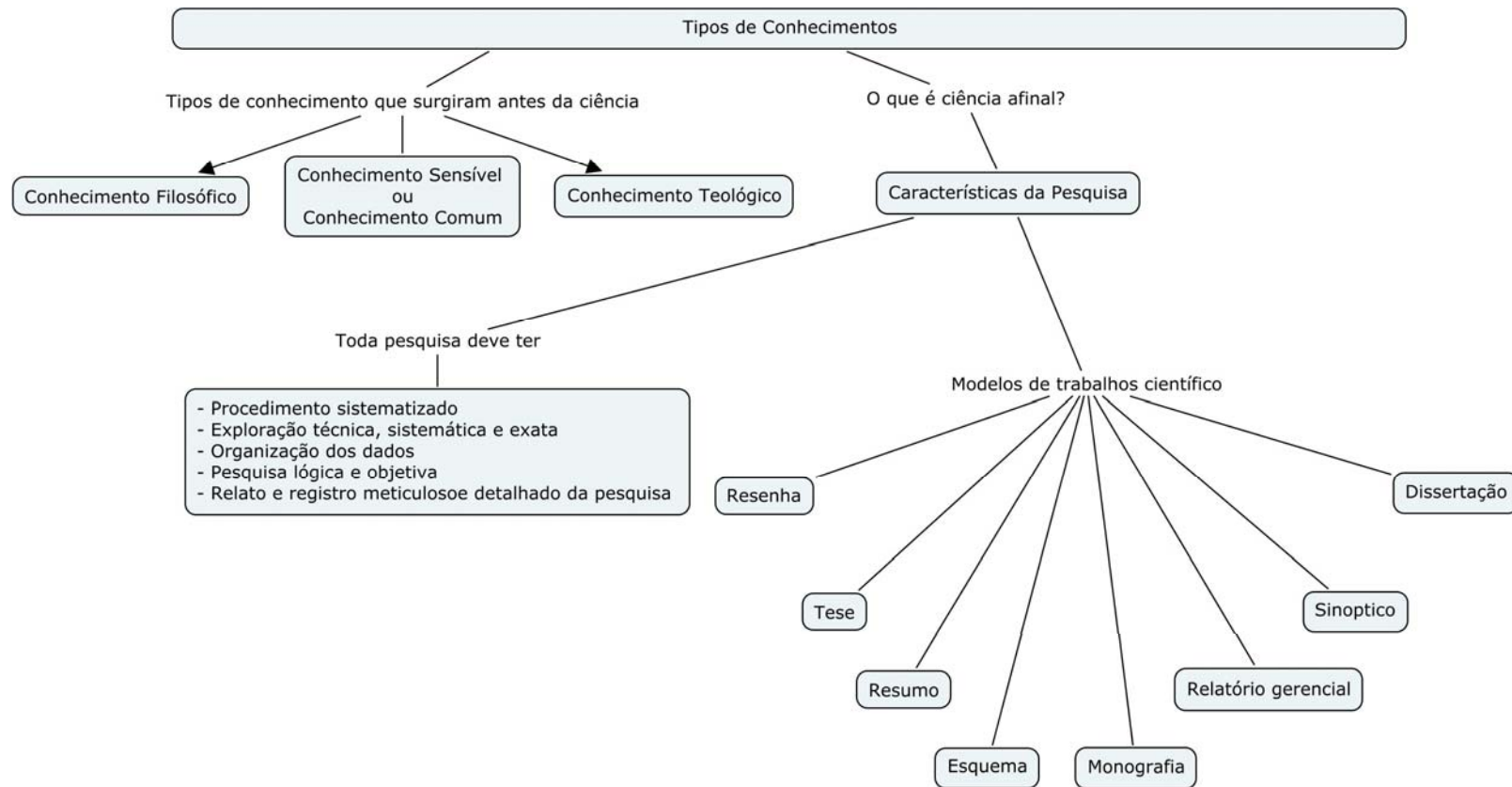
Exprime o conteúdo principal extraído de um documento científico ou literário.
O tamanho de um resumo varia de acordo com sua finalidade: teses, dissertações e relatório técnicos podem ter de 150 a 500 palavras; monografias e artigos periódicos se estendem de 100 a 250 palavras. Já os resumos breves variam entre 50 e 100 palavras.

Resenha

Muito confundida com Resumo mas difere dele pelo conteúdo crítico expressado pelo autor.
A resenha deve apresentar a visão do autor do texto examinado e, logo a seguir, deve expressar a opinião fundamentada do autor da resenha.
Alguns autores chamam a resenha de resumo crítico.



5. Recapitulando





6. Amplie seus Conhecimentos

Para saber mais sobre Metodologia, não deixe de ver o livro:

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia de Pesquisa**: um guia para iniciação científica. 2º ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2004.



Fundamentos de Metodologia Científica: um guia para a iniciação científica, em sua segunda edição, ampliada, contém os elementos fundamentais e necessários à compreensão da metodologia científica e de suas implicações para a elaboração e execução de projetos de pesquisa.

Além do enfoque teórico, a obra apresenta questões referentes à dinâmica do conhecimento, assim como aspectos relacionados como atual contexto da pesquisa científica.

Temas como a utilização dos recursos da informática para a pesquisa e como referenciá-los bibliograficamente também são abordados no livro.

O livro é indicado a alunos, não só graduandos, como também pós-graduandos, que necessitam de referencial para a organização de seus estudos e realização de pesquisas científicas. Nesse sentido, este livro consegue, em seu conteúdo, oferecer requisitos imprescindíveis a todas as áreas de conhecimento na produção de seus projetos e trabalhos científicos, com exemplos concretos facilitadores.



7. Referências

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**: um guia para iniciação científica. 2º ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2004.

COLLINS, Harry; PINCH, Trevor. **O Gollen**. São Paulo: Editora Unesp. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u924.shtml>>. Acesso em: 05 de fev. 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1994.

MATTAR, João. **Metodologia do Trabalho Científico**. Apostila do curso de graduação de Administração e Marketing do Unicentro Newton Paiva em parceria com o Instituto UVB. São Paulo, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 1992.



Unidade 2: Citação, referência e artigo



1. Nosso Tema

Nesta unidade, iremos aprender a redigir artigos. Nesse ínterim, trabalharemos as citações e as referências dos autores que surgem em nossa redação cotidiana. Seja ao escrevermos uma atividade, seja ao redigir um artigo científico, somos chamados, a todo o momento, a citar a produção de autores que pesquisaram o assunto antes de nós.

Isso ocorre porque vivemos em uma sociedade que acumula o conhecimento e o repassa a cada nova geração. Sempre que pegamos uma simples caneta em nossas mãos, estamos fazendo uso do conhecimento de várias pessoas concretizado em um produto. Ao respondermos a uma questão, necessariamente, estamos utilizando o conhecimento acumulado socialmente. Citar e referenciar é a forma científica de reconhecer a criação comunitária de conhecimento e de nos lembrarmos e valorizarmos cada pequena contribuição de uma vida.

Está na hora de iniciarmos o nosso aprendizado. Sugiro-lhe atenção aos detalhes, tendo em vista que este conteúdo será utilizado ao longo de toda a vida acadêmica e profissional de vocês.



Figura 1 – Internet



2. Para Refletir

A revolução tecnológica e o fácil acesso à *Internet* têm trazido à comunidade científica um problema: a facilidade de encontrar material sobre diversos assuntos na *Internet* tem induzido os alunos ao “recorta e cola” sem indicação de autoria, o que é um crime de furto de propriedade intelectual em nossa sociedade. Acrescente a facilidade do Ctrl + C (copiar) e Ctrl +V (colar) à prática escolar de pesquisar, copiando as enciclopédias e livros.

O aluno, acostumado a ‘pesquisar’ utilizando o recurso de copiar de livros, revistas e enciclopédias, acha normal e aceitável copiar artigos e páginas da *Internet* em seus trabalhos acadêmicos. Estamos diante de um problema cultural que foi cultivado anos a fio nas escolas primárias e secundárias.

O objetivo desta aula é demonstrar a você, aluno, que podemos sim copiar e colar, mas de forma consciente e responsável, sem exageros e indicando SEMPRE a autoria das afirmações.

O recurso de copiar e colar deve ser utilizado apenas de forma ilustrativa quando o trecho redigido pelo autor consultado se apresenta como essencial para a construção de nosso próprio discurso.

De posse do conhecimento de como citar e referenciar, nós aprenderemos também como redigir artigos científicos e apresentar ao mundo nossas idéias e pesquisas científicas.

O conhecimento ora apresentado é um conhecimento que os irá inserir na redação científica e tornará apto a redigir, não só artigos acadêmicos como também relatórios profissionais que inspirarão confiança e segurança em seus leitores.

Então, atenção aos detalhes e bom estudo!!!!



3. Conteúdo Didático

Estamos inseridos em uma sociedade em que a produção de um indivíduo é partilhada socialmente e depois aprimorada por outros. Nossa sociedade não reinventa a roda cada vez que precisa andar de carro. Vivemos em uma sociedade de tecnologia acumulativa! Não obstante, essa acumulação não nos desobriga de reconhecer a produção dos nossos antecessores. Uma forma de demonstrarmos esse reconhecimento é citarmos e referenciarmos aqueles que tiveram ações e pensamentos que nos inspiram em nosso próprio caminhar.

Citar e referenciar não tira o brilho de nossas conclusões e pensamentos, pelo contrário, acrescenta mais credibilidade ao nosso trabalho perante a sociedade.

3.1. Citações

3.1.1. Citação direta

Ao redigir, você, com certeza, irá esbarrar com algum trecho redigido por outro autor que se encaixará perfeitamente com o que você estava buscando. Nesses casos, é interessante separar o trecho lido e copiá-lo para o nosso trabalho *ipsis literis*. Esse transplante de um trecho redigido por um autor para o seu texto se chama citação direta. Em outras palavras, você estará utilizando as palavras de outro autor em um texto de sua autoria. Como você pode ver na lei de direitos autorais, que se encontra em publicações, para que isso aconteça, é necessário que indiquemos o autor da obra intelectual e a fonte dela; assim, evitaremos qualquer problema legal e ético.

Ao citar diretamente, devemos, **primeiro**, observar o tamanho do texto copiado do original.

Trechos com mais de três linhas: Para citações superiores a três linhas, deve-se separar a citação do restante do texto, alterar a margem para 4 cm, usar espaçamento simples entre linhas e alterar a fonte para que seja menor do que o texto na qual ela está inserida. Veja exemplo:

As citações são elementos retirados dos documentos pesquisados durante a leitura de documentação e que se revelaram úteis para corroborar as idéias desenvolvidas pelo autor no decorrer do seu raciocínio. [...] Note-se que as citações bem escolhidas apenas enriquecem o trabalho; o que não se pode admitir em hipótese alguma é a transcrição literal de uma passagem de outro autor sem se fazer a devida referência (SEVERINO, 1990, p.85).

Trechos com menos de três linhas: Devemos apresentá-lo entre aspas duplas no corpo do texto.

Exemplo:



De acordo com Severino (1990, p.85) “As citações são elementos retirados dos documentos pesquisados durante a leitura de documentação e que se revelaram úteis para corroborar as idéias desenvolvidas pelo autor no decorrer do seu raciocínio.”

É interessante ressaltar que: “As citações são elementos retirados dos documentos pesquisados durante a leitura de documentação e que se revelaram úteis para corroborar as idéias desenvolvidas pelo autor no decorrer do seu raciocínio” (SEVERINO, 1990, p.85).



NOTA: Quando o nome do autor estiver entre parênteses, deve-se usar fontes maiúsculas ou caixa alta.

A nossa **segunda** obrigação em uma citação direta é apresentar indicação de autoria (o último nome do autor **ou** a instituição responsável **ou** o título), o ano de publicação da obra e a página de onde o trecho foi retirado.

Ainda é importante ressaltar que devem ser indicadas as supressões com [...]; as interpolações, acréscimos e comentários com [] e as ênfases e destaques com **grifos ou negritos ou itálicos** (ABNT, 2002).

3.1.2. Citação indireta

As vezes, o caminho é outro: partimos da idéia de outra pessoa para criarmos a nossa própria visão e percepção da realidade. Quando isso ocorre, devemos deixar bem claro ao leitor até que ponto determinada produção intelectual é nossa e até que ponto estamos partindo do conhecimento de outrem para avançarmos em nossos próprios conhecimentos. A citação indireta ocorre quando apresentamos o conhecimento de outra pessoa com as nossas próprias palavras para, a partir desse conhecimento, desenvolvermos um avanço ou uma novidade até então desconhecida ou não avaliada pelo autor citado. As citações indiretas exigem apenas a indicação de autoria (último nome do autor ou instituição responsável ou título) e o ano de publicação.

Veja o exemplo:

De acordo com Severino (1990), é inadmissível a ausência da indicação de autoria em trechos de citação direta.



3.2. Referências

Finalmente, iremos trabalhar as referências. Como eu já disse, no transcorrer da aula, trata-se de um conteúdo muito importante. É através das referências que podemos mapear o conjunto de obras que nortearam o autor em seu percurso argumentativo.

Você sabia que a questão das referências é tão importante que existem regras nacionais e internacionais que definem padrões a serem seguidos? No Brasil temos como instituição normatizadora a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), que é responsável pela publicação das normas NBR (Normas Brasileiras de publicação). Em publicações internacionais, a instituição normatizadora é a ISO (*International Organization for Standardization*). Essa ISO é a mesma que criou os padrões internacionais de qualidade que vocês já deve ter ouvido falar: as ISO 9000 e ISO 14000 entre outras tantas. No caso de publicações internacionais, a ISO 690 trata de regras de publicação, e a ISO 690-2 trata de referências a documentos eletrônicos.

Aqui, vamos nos basear nas normas NBR 6023 de 2002, para redigir as referências.

Regras gerais:

- a) As referências devem ser alinhadas à esquerda, em espaço simples e separadas entre si em espaço duplo;
- b) O título da obra deve estar em negrito, itálico ou sublinhado e deve ser do mesmo tipo para todas as referências;
- c) O(s) autor(es) deve(m) ser referenciado(s) por seu último sobrenome em maiúsculo, seguido de vírgula e os demais componentes de seu nome. Observe:

VIGGIANO, Adalci Righi.

OLIVEIRA, Sônia Miranda de.

LAUDARES, João Bosco.

Quando existirem mais de três autores, deve-se indicar apenas o primeiro autor seguido da expressão *et. al.* Veja exemplo:

DRAWIN, Carlos Roberto. *et. al.* **Psicologia possíveis olhares, outros afazeres.** Conselho Regional de Psicologia 4º região. 1992.

No caso de haver indicação de responsabilidade pelo conjunto da obra, a indicação é feita pelo responsável, seguida da abreviação, no singular, do tipo de participação. (organizador, compilador, editor, coordenador, etc.) entre parênteses.



TOMASI, Antônio. (org) **Da qualificação a Competência: pensando o século XXI**. São Paulo: Papyrus. 2004.

Existem trabalhos que são traduzidos, revisados e ilustrados por pessoas diferentes do autor. Os responsáveis devem ser referenciados após o título.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5º ed. São Paulo: Ed. Cortez. 2001.

Ainda é comum encontrarmos obras em que a responsabilidade é atribuída a uma instituição e não a pessoas físicas. Nesses casos, realiza-se a entrada do nome da instituição por extenso. Observe:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Normas de apresentação tabular**. 3º ed. Rio de Janeiro. 1993.

Quando a editora não puder ser identificada, utiliza-se a expressão *sine nomine*, abreviada, entre colchetes [s.n.]. No caso do local de publicação não ser mencionado, usa-se a expressão: *sine loco* abreviada: [S.l.]

Quando o local e a editora não puderem ser identificadas, utilizam-se as expressões *sine loco* e *sine nomine* abreviadas. [S.l.: s.n.]

Como a data é um dado fundamental, no caso de não encontrá-la, sugere-se indicar uma provável data entre colchetes.

FLORENZANO, Everton. **Dicionário de idéias semelhantes**. Rio de Janeiro: Ediouro, [1993].

Antes de iniciar as suas referências escolha o tipo de documento que irá referenciar. Existe uma regra para cada um desses tipos de referências. Observe os detalhes de referência nas páginas que seguem:

Monografia no todo

Por monografia entendemos livros, manuais, guias, catálogos, enciclopédias, dicionários, teses e dissertações entre outros.

Os elementos **essenciais**, ao se referenciar uma monografia, são: **autor (es), título, edição, local, editora e data de publicação**. Vejamos alguns exemplos de referências de monografias:



BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**: um guia para iniciação científica. 2º ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil. 2004.



Vale a pena lembrar!!

- a) Observe se as referências estão alinhadas à esquerda e que há um espaçamento simples entre uma linha e outra das referências e espaçamento duplo entre uma referência e outra.
- b) Note também que, quando há mais de um autor, separamos os autores por um ponto e vírgula.

Monografia em meio eletrônico

Hoje em dia, com a difusão da *Internet* é comum encontramos documentos disponíveis para consulta na rede. Isso facilita, e muito, a transmissão do conhecimento e o nosso trabalho de pesquisa, visto que não necessitamos mais sair da comodidade de nossas casas ou fazer grandes deslocamentos para visitar várias bibliotecas. Não obstante, esses documentos e seus autores merecem o mesmo respeito e tratamento de citação e referência que os autores de material impresso. A única distinção está na forma de referenciarmos.

Sempre que citamos um documento eletrônico, devemos acrescentar às informações essenciais a descrição física do meio eletrônico. Se trabalhamos com monografia no todo, as informações essenciais para documentos eletrônicos são: **autor (es), título, edição, local, editora, data de publicação e descrição física do meio eletrônico.**

Se estamos utilizando apenas uma parte de uma monografia, as informações essenciais para documentos eletrônicos passa a ser: **autor(es) da parte, título da parte, in: autor(es) do documento, título do documento, edição, local, editora e data de publicação, paginação e descrição física do meio eletrônico.** Veja o exemplo:

GONÇALVES, Maria Ilse Rodrigues. Educación em el ciberespacio . Universidad Nacional de Educación a Distancia: Madrid, 2003. CD ROM. (Tesis doctoral)
--

Se o documento digital tiver sido acessado via *Internet*, deveremos acrescentar aos elementos essenciais a data de acesso e a *link* de consulta. Isso acontece porque a *Internet* é um emaranhado de *links* mutantes e fluídos. Eles sofrem tantas alterações que um documento acessado por um determinado link hoje, pode não estar mais disponível para acesso amanhã, daí a necessidade de localizá-lo no espaço *on line* e no tempo para o leitor. Veja como fazer:



SCHWARTZ, Juliana. **A invasão dos ciborgues: a influência do ciberespaço nas representações de gênero dos adolescentes**. Curitiba: CEFET-PR. 2005. Dissertação de Mestrado em Tecnologia. Disponível em: <www.xxxx>. Acesso em: 26 dez. 2006.

Parte de monografia

Ao utilizar um capítulo de livro, volume, fragmento e pequena parte de uma obra, você deve referenciá-los utilizando as regras de parte de uma monografia.

Os elementos essenciais para citar parte de uma monografia são **autor(es)**, **título da parte**, seguido da expressão “**in:**” e da referência completa da monografia como um todo (**autor (es)**, **título**, **edição**, **local**, **editora e data de publicação**). No final da referência, deve-se indicar a **paginação** ou outra forma de individualizar a parte referenciada.

MILL, Daniel; CAMPOS, Regina Célia. **Prática docente em educação a distância**. In: ARANHA, Antônio Vitória S. (org) ; CUNHA, Daisy Moreira (org) ; LAUDARES, João Bosco. (org). *Diálogos sobre o trabalho*. São Paulo: Papirus. 2005. p.35-50.

Publicação periódica

Quando nos referimos a periódicos, estamos falando de fascículos, revistas, número de jornal, caderno, etc. na íntegra e nas matérias existentes em um número, volume ou fascículo (de artigos científicos, de revistas, editoriais, matérias jornalísticas, seções, reportagens, etc.). O periódico como um todo é referenciado com **título**, **local de publicação**, **editora**, **data de início e de encerramento da publicação** (se houver). Exemplo:

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1939.

Entretanto, o mais comum é referenciar apenas um artigo de uma revista. Nesse caso, os elementos imprescindíveis são: **autor(es)**, **título da parte**, **artigo ou matéria**, **título da publicação**, **local da publicação**, **numeração correspondente ao volume e/ou ano**, **fascículo ou número**, **paginação inicial e final (quando se tratar de artigo ou matéria, data ou intervalo de publicação)**. Observe que, se estivermos trabalhando com artigos em meio eletrônico, ainda devemos acrescentar o meio físico do documento ou, no caso de artigos retirados da *Internet*, as expressões: “Disponível em:” e “Acesso em:”.

FRANCISCONI, Carlos F. de Magalhães; GOLDIM, José Roberto. **Ética aplicada à pesquisa. Cadernos de ética em pesquisa**, Brasília, DF, ano 5, n. 9, p. 8-10, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.unisc.br/pesquisa/cep/caderno9.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2005.

Os jornais são outra importante fonte de consulta e, portanto, devemos aprender a referenciar seus artigos, entrevistas, editorial, reportagens e resenhas. Os elementos imprescindíveis para referenciar um artigo em um jornal são: **autor (se houver)**, **título**, **título do jornal**, **local de publicação**, **data de**



publicação, seção, caderno ou parte do jornal e a paginação correspondente. Quando não houver seção, caderno ou parte, a paginação do artigo ou matéria precede a data.

Se o jornal foi consultado via *Internet*, deve-se acrescentar a ele as expressões: “Disponível em:” e “Acesso em:” e suas respectivas informações. Caso se trate de um encarte em CD-ROM ou disquete, acrescente o meio físico ao final das referências. Veja os exemplos:

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de São Paulo**, São Paulo: 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p.13.

SILVA, Ives Gandra da. Pena de morte para o nascituro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 set. 1998. Disponível em: <http://www.providafamilia.org/pena_morte_nascituro.htm>. Acesso em: 19 set. 1998.

McLEOD, Allegra et al. Manifesto aborda o futuro da ciência. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 24 nov. 2002. Caderno Mais. p. 4-8.

Evento

Neste item, iremos trabalhar atas, anais, resultados, *proceedings* e outros documentos produzidos em eventos. Os elementos essenciais são: **nome do evento, numeração (se houver), ano, local (cidade) de realização, título do documento (anais, atas, tópico temático, etc), local de publicação, editora e data de publicação.** Abaixo, veja o exemplo:

COBENGE. 2006. Passo Fundo. **Anais**. Passo Fundo. Universidade de Passo Fundo. Set. 2006. CD-ROM.

Caso sua intenção seja referenciar apenas um dos trabalhos apresentados no evento, os elementos essenciais passam a ser:

Autor(es), título do trabalho apresentado, In: nome do evento, numeração do evento (se houver), ano e local (cidade) de realização, título do documento (anais, atas, tópico temático), local, editora, data de publicação e página inicial e final da parte referenciada.

PAIXÃO, Edmilson Leite; VIGGIANO, Adalci Righi; LAUDARES, João Bosco. A formação do engenheiro e o ensino de engenharia: contribuição do mestrado do CEFET-MG. In: COBENGE. 2006. Passo Fundo. **Anais**. Passo Fundo. Universidade de Passo Fundo. Set. 2006. CD-ROM.



LEMBRETE: Assim como nos demais casos, sempre que a obra ou o evento tiverem sido consultados via ambiente eletrônico, insira o meio físico no final da referência ou as expressões: “disponível em:” ou “acesso em:” com os respectivos dados.



Patente

Documentos patenteados devem ser referenciados por: **entidade responsável e/ou autor, título, número da patente e datas (do período de registro)**

EMBRAPA. Unidade de Apoio, Pesquisa e Desenvolvimento de Instrumentação Agropecuária (São Carlos, SP). Paulo Estevão Cruvinel. **Medidor digital multissensor de temperatura para solos**. BR n. PI 8903105-9, 26 jun. 1989, 30 mai 1995.

Documento jurídico

Divide-se em: legislação, jurisprudência (decisões judiciais) e doutrina (interpretação dos textos legais).



Lembre-se sempre de que, no caso de documentos eletrônicos, deve-se acrescentar o meio físico de consulta (CD-ROM, disquete, entre outros) ou (no caso da *Internet*) as expressões: “disponível em” e “acesso em” e seus respectivos dados no final da referência.

Legislação

Em legislação, temos a constituição, as emendas constitucionais, todos os demais textos legais infraconstitucionais (lei complementar e ordinária, medida provisória, decreto, resoluções do senado) e normas emanadas das entidades públicas e privadas (ato normativo, portaria, resolução, ordem de serviço, instrução normativa, comunicado, aviso, circular, decisão administrativa, entre outros).

São elementos essenciais de referência em legislação: **jurisdição (no caso de normas), título, numeração, data e dados de publicação**.

São Paulo (Estado). Decreto nº42. 822, de 20 de janeiro de 1998. **Lex**: coletânea de legislação e jurisprudência, São Paulo, v.62, n. 3, p. 217-220, 1998.

BRASIL. Congresso. Senado. Resolução nº17 de 1991. **Coleção de Leis da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v.183, p. 1156-1157, maio/jun. 1991.



Observação: No caso de Constituição e suas emendas, entre o nome da jurisdição e o título, acrescenta-se a palavra Constituição, seguida do ano de promulgação, entre parênteses.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional nº9, de 9 de novembro de 1995. **Lex**: legislação federal e marginalia, São Paulo, v.59, p.1966, out./dez. 1995.

Jurisprudência

“Compreende súmulas, enunciados, acórdãos, sentenças e demais decisões judiciais.” (ABNT, 2002, p.8).



Elementos essenciais: **jurisdição e órgão judiciário competente, título (natureza da decisão ou ementa) e número, partes envolvidas (se houver), relator, local, data e dados da publicação.**

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Súmula nº14. In: _____. **Súmulas**. São Paulo: Associação dos Advogados do Brasil, 1994. p.16.

BRASIL. Tribunal Regional Federal (5. região). Apelação cível nº42. 441-PE (94.05.01629-6). Apelante: Edilemos Mamede dos Santos e outros. Apelada: Escola Técnica Federal de Pernambuco. Relator: Juiz Nereu Santos. Recife, 4 de março de 1997, **Lex**: jurisprudência do STJ e Tribunais Regionais Federais, São Paulo. v,10, n.103, p. 558-562, mar. 1998.

Doutrina

Refere-se a toda discussão técnica sobre questões legais (monografias, artigos de periódicos, *papers*, etc).

A doutrina deve ser referenciada conforme o tipo de publicação. Assim, se a doutrina é uma tese deve ser referenciada como monografia; Se for um artigo, segue a regra de periódico/artigo. Caso se trate de um artigo de jornal, a regra utilizada será a de artigo em jornal.

Imagem em movimento

Trata-se de filmes, vídeo cassetes, DVD, MP4, entre outros.

Os elementos imprescindíveis para referências de imagens em movimento são: **título, diretor, produtor, local, produtora, data e especificação do suporte em unidades físicas**. Exemplo:

OS PERIGOS do uso de tóxicos. Produção de Jorge Ramos de Andrade. São Paulo: CERAVI, 1983. 1 videocassete.

BLADE Runner. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Intérpretes: Harrison Ford; Rutger Hauer; Sean Young; Edward James Olmos e outros. Roteiro: Hampton Fancher e David Peoples. Música: Vangelis. Los Angeles: Warner Brothers, c1991. 1 DVD

Documento iconográfico

Aqui, incluem-se pinturas, gravuras, ilustrações, fotografias, desenhos técnicos, diapositivos, diafilme, material estereográfico, transparência, cartaz entre outros. Elementos essenciais: **autor, título (quando não existir deve-se atribuir uma denominação ou a indicação Sem título entre colchetes), data e especificação do suporte**. Exemplo:

JORGINHO. **Don Quixote**. 2005. pintura em óleo.



O documento iconográfico em meio eletrônico deve conter além dos dados acima mencionados informações relativas à descrição física do meio eletrônico (disquete, CD-ROM, entre outros) ou as expressões: “Disponível em:” e “Acesso em:” com os respectivos dados.

ESCHER, Maurits Cornelis. **Relativity**. 1953. Altura: 883 pixels. Largura: 850 pixels. 188 kb. Formato JPGE. Disponível em: <<http://www.mcescher.com/Gallery/back-bmp/LW389.jpg>>. Acesso em: 26 ago. 2007

Documento cartográfico

O assunto deste tópico é documento cartográfico. Inclui-se nesta categoria atlas, mapa, globo, fotografia aérea entre outros.

Os elementos que compõem a referência desse tipo de documento são: **autor(es), título, local, editora, data de publicação, designação específica e escala**. Exemplos:

ATLAS Mirador Internacional. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1981. 1 atlas. Escalas variam.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO (São Paulo, SP). **Regiões de governo do Estado de São Paulo**. São Paulo, 1994. 1 atlas. Escala 1:2.000



Lembre-se de que documentos eletrônicos devem possuir, ao final das referências, a indicação de meio físico (CD-ROM, disquete, etc) ou as expressões: “Disponível em:” e “Acesso em:” seguido dos respectivos dados.

Documento sonoro

Este tópico se refere a CD, disco, cassete, rolo, entre outros.

Os elementos essenciais para referenciar um documento sonoro são: **compositor(es), interprete(s), título, local, gravadora (ou equivalente), data e especificação do suporte**. Exemplos:

Legião Urbana. **Acústico MTV**. Guarulhos: EMI Brasil, 1999. 1CD.

U2. **Rattle and Hum**. São Paulo: Polygram do Brasil, 1988. 1CD.

No caso de parte de um CD ou faixa, os elementos essenciais são: **compositor(es), intérprete(s) da parte (ou faixa de gravação), título, seguidos da expressão In:, da referência do documento sonoro no todo e da faixa**. Exemplo:

RUSSO, Renato. Legião Urbana. Índios. In: Legião Urbana. **Acústico MTV**. Guarulhos: EMI Brasil, 1999. 1CD. Faixa 2



BONO.U2. All I want is you. In: U2. **Rattle and Hum**. São Paulo: Polygram do Brasil, 1988. 1CD. Faixa 17.

Partitura

Inclui partituras impressas e em suporte ou meio eletrônico. Os elementos essenciais são: **autor(es)**, **título**, **local**, **editora**, **data**, **designação específica** e **instrumento a que se destina**. Exemplo:

GALLET, Luciano (Org.). **Canções populares brasileiras**. Rio de Janeiro: Carlos Wehns, 1851. 1 partitura (23p.). Piano.



Lembre-se de que documentos eletrônicos devem possuir, ao final das referências, a indicação de meio físico (CD-ROM, disquete, etc) ou as expressões: “Disponível em:” e “Acesso em:” seguido dos respectivos dados.

Documento tridimensional

Este tópico inclui maquetes, objetos e suas representações como esqueletos, fósseis, objetos de museus, animais empalhados e monumentos por exemplo...

Ao referenciar esse tipo de documento, deve-se apresentar: **o criador artístico do objeto** (quando for possível), **título** (quando não existir, deve-se atribuir uma denominação ou indicação sem título entre colchetes), **data e especificação do objeto**. Exemplos:

BULE de porcelana. [China: Companhia das Índias, 18--]. 1 bule.

DUCHAMP, Marcel. **Escultura para viajar**. 1918. 1 escultura variável.

Documento de acesso exclusivo em meio eletrônico

Neste tópico, iremos referenciar base de dados, listas de discussão, arquivos em disco rígido, programas e mensagens eletrônicas entre outras.

Para referenciar esse tipo de documentos, deve-se indicar: autor(es), título do serviço ou produto, versão e descrição física do meio eletrônico. Veja os exemplos:

MICROSOFT Project for Windows 95. Versão 4.1; Microsoft Corporation, 1995. 1 CD-ROM;

ALMEIDA, M. P. S. **Fichas para MARC** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <mtmendes@uol.com.br> em 12 jan. 2002.



3.3. Artigo

Agora, vamos iniciar a produção do artigo. Artigos são publicações que apresentam a sociedade e a comunidade científica o resultado de uma pesquisa, produzindo avanço do conhecimento humano sobre determinado objeto de estudo. Em sua vida acadêmica e profissional atual e futura, você poderá vir a ter a necessidade de comunicar alguma descoberta em simpósios, revistas e congressos. Nossa intenção é auxiliá-lo quando essa necessidade surgir.

“Parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento”. (ABNT, 2003, p.2).

De acordo com a da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2003, p.2), existem duas categorias de artigos:

Artigo original - Trata-se de um documento que apresenta temas ou abordagens originais.

Artigo de revisão - Produção textual que discute, analisa e resume informações já publicadas. É um apanhado de diversas obras que versam sobre o mesmo conteúdo. A intenção é trazer para o leitor um ‘estado da arte’, um retrato panorâmico das discussões que trabalhadas no tema explorado até o momento de publicação do artigo.

A estrutura completa de um artigo se divide em elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. (ABNT, 2003, p.3).

Pré-textuais	Título e subtítulo	O título e o subtítulo devem figurar na primeira página do artigo com fonte diferenciada (tipo de letra ou tamanho diferente do restante do artigo) ou separados por dois pontos (:) e na língua do texto.
	Nome do(s) autor(es)	O nome dos autores deve acompanhar uma nota de rodapé indicada por asterisco e localizada na primeira página ou no final dos elementos textuais. Essa nota deve conter um breve currículo que qualifique os autores, o endereço postal e eletrônico, agradecimentos e data de entrega dos originais à redação do periódico.
	Resumo	Conforme estudamos na aula anterior, o resumo de um artigo deve conter no máximo 250 palavras; ser conciso, objetivo e ter, de preferência, apenas um parágrafo.
	Palavras-chave	Todo artigo deve conter palavras-chave que identifiquem o seu conteúdo junto ao seu potencial leitor. As palavras-chave devem representar o conteúdo discutido no artigo, indicando áreas de interesse. Os artigos normalmente apresentam uma faixa de 3 a 5 palavras-chave que se localizam logo abaixo do resumo, são antecedidas pela expressão: Palavras-chave. As palavras-chave são separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto.



Textuais	Introdução	Primeira parte do artigo propriamente dito. Tem por objetivo inserir o leitor no assunto trabalhado. Deve necessariamente apresentar os objetivos da pesquisa.
	Desenvolvimento	Clímax do artigo. Contém a exposição do assunto trabalhado, apresenta as idéias de forma lógica e ordenada. Divide-se em seções e subseções.
	Conclusão	Aqui, o autor utiliza da lógica e dos argumentos discutidos no desenvolvimento para defender a idéia apresentada nos objetivos.

Pós-textuais	Título e subtítulo em língua estrangeira	O título e o subtítulo em língua estrangeira devem figurar na primeira página do artigo com fonte diferenciada (tipo de letra ou tamanho diferente do restante do artigo) ou separados por dois pontos (:). Precedem o resumo em língua estrangeira.
	Resumo em língua estrangeira	Sua presença é obrigatória. Deve ser uma versão do resumo da língua do texto em idioma de divulgação internacional. Exemplo: inglês: <i>Abstract</i> , espanhol <i>Resumen</i> , francês <i>Résumé</i> .
	Palavras-chave em língua estrangeira	Sua presença é obrigatória. Trata-se da tradução das palavras-chave na língua do texto para a mesma língua do resumo. Exemplo: inglês: <i>Keywords</i> , espanhol <i>Palabras clave</i> , francês <i>Mots-clés</i>
	Nota(s) explicativa(s)	A numeração das notas é progressiva e em algarismo arábico. Em outras palavras as notas devem ser indicadas no formato sobrescrito (x ²), pelos números 1, 2, 3... em ordem crescente.
	Referências	Trata-se de um item importante e obrigatório. Como este tópico tem regra própria, iremos trabalhá-lo separadamente na próxima aula.
	Glossário	“Lista em ordem alfabética de palavras ou expressões técnicas de uso restrito ou de sentido obscuro, utilizadas no texto, acompanhadas das respectivas definições”. (ABNT, 2003, p.2). Elemento opcional.
	Apêndice	Documento criado pelo(s) autor(es) e apresentado no artigo visando complementar e validar a argumentação. Sua figuração no artigo é opcional e deve ser utilizada apenas quando considerada necessária. O apêndice é identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. Exemplo: APÊNDICE A – Questionário utilizado em fornecedores APÊNDICE B – Questionário utilizado em clientes
	Anexo	Documento que não foi criado pelo autor criado e apresentado no artigo visando complementar e validar a argumentação. Sua figuração no artigo é opcional e deve ser utilizada apenas quando considerada necessária. O anexo é identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. Exemplo: ANEXO A – Tabela periódica dos elementos ANEXO B – Representação gráfica de contagem de células inflamatórias presentes nas caudas de regeneração.

Além de todo o conteúdo trabalhado na página anterior, ainda fazemos uso de outros elementos em nossos artigos. Vejamos quais são e como os utilizaremos:

Ilustração



Ilustração

São consideradas ilustrações: desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outros. Abaixo de cada ilustração, devemos inserir a palavra designativa (figura, fotografia, desenho, esquema, etc) numeradas com algarismos arábicos, seguido do respectivo título e/ou legenda explicativa. As ilustrações devem ser inseridas o mais próximo do trecho a que se refere.

Exemplo de ilustração:

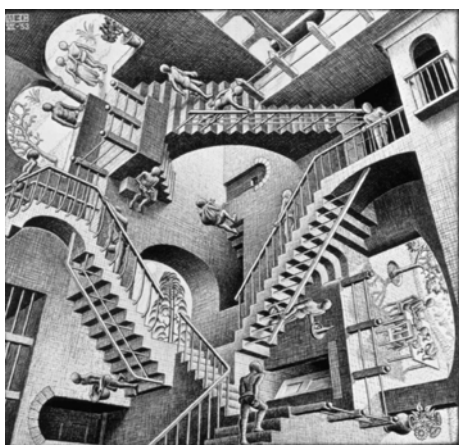


Figura 2 – Relativity

Sigla

Sigla é a “Reunião das letras iniciais dos vocábulos fundamentais de uma denominação ou título” (ABNT, 2003, p.2).

A primeira vez que utilizarmos uma sigla em nosso texto devemos apresentar o nome completo e a sigla entre parênteses. As demais citações podem ser realizadas apenas pela citação.

As equações e fórmulas podem ser destacadas no texto ocupando linha específica e centralizada. Caso exista necessidade de ocupar mais de uma linha, a quebra de linha deve ser realizada nos sinais de igual, adição, subtração, multiplicação e divisão. No caso da equação estar localizada no corpo do texto, é permitido espaçamento diferenciado para comportar expoentes e índices, por exemplo.

Tabela

“Tabela é uma forma não discursiva de apresentar informações das quais o caso numérico se destaca como informação central.” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1993, p. 9).

Vamos às regras do IBGE (1993) para tabelas:



Se o seu documento tiver mais de uma tabela, deve-se necessariamente numerá-la. Veja o exemplo:

Tabela 2 (segunda tabela de um documento)

Tabela 16.3 (terceira tabela do décimo-sexto capítulo de um documento)

Toda tabela deve ter um título em seu topo indicando a natureza geográfica e temporal dos dados numéricos, sem abreviações.

Toda tabela deve ter moldura, com no mínimo traços horizontais paralelos um para separar o topo, o segundo para o espaço do cabeçalho e o terceiro para separar o rodapé. A primeira linha do rodapé deve conter a palavra Fonte e a identificação do responsável pelos dados numéricos.

As tabelas não devem ter traços verticais que a delimitem à esquerda e à direita.

É obrigatória a presença de linhas que indiquem o conteúdo de cada linha na horizontal. Exemplo:

Tabela1 – Número de estabelecimentos agropecuários, pessoal ocupado, número de tratores e efetivo de bovinos, por densidade do rebanho bovino – Brasil - 1975

Grupo de densidade de rebanho bovino	Número de estabelecimentos	Pessoas ocupadas	Número de tratores	Efetivo de bovinos
Total	5 834 779	23 537	675 586	127 643 292
Menos de 15 bovinos por km ²	1 989 702	7 821	71 288	20 680 255
15 a menos 30 bovinos por km ²	1 298 248	5 680	125 569	25 039 093
30 a menos de 50 por km ²	1 741 958	6 749	258 611	39 228 726
50 e mais bovinos por km ²	804 871	3 287	196 581	42 695 218

Fonte: IBGE. Diretoria de pesquisa. Coordenação dos censos econômicos. Censo agropecuário.

No seu material web, veremos muitos outros exemplos. Não perca!



4. Teoria na Prática

O plágio ou roubo de propriedade intelectual existe desde que o mundo é mundo... Quantos não são os casos de músicos que têm suas letras copiadas? Escritores que têm personagens roubadas? Artistas plásticos que vêm suas obras literalmente refeitas sem qualquer indicação de que o seu trabalho serviu de inspiração para a cópia? O plágio é um crime e como tal temos toda uma legislação aplicável para defini-lo como crime. Veja abaixo um caso da vida real:

A Globo, nos últimos meses, está sendo bombardeada por acusações e processos envolvendo seus autores de novelas. A confusão mais recente aconteceu no começo desta semana, quando o cineasta Walter Salles anunciou que vai processar o autor da novela Cobras e Lagartos, João Emanuel Carneiro. De acordo com Salles, o motoboy vivido por Daniel de Oliveira é um plágio de um personagem de seu próximo filme, Linha de Passe.

Segundo o Jornal da Tarde, João Manuel trabalhou com Salles em Central do Brasil (1998) e o Primeiro Dia (1999) e escreveu o primeiro roteiro de Linha de Passe, mas o motoboy ainda não existia na história. A versão com o personagem foi lida por Carneiro apenas por e-mail.

No filme, o motoboy se apaixona por uma moça que toca flauta, o que acontece também na novela, mas a Globo decidiu mudar o instrumento musical para clarinete. A emissora também regravou cenas e decidiu demitir Duda da agência de motoboys, transformando-o apenas em um “amante de

motocicletas”. Porém, Walter Salles não se contentou com as mudanças.

O jornal aproveita para lembrar algumas acusações de plágio que a emissora está enfrentando atualmente:

Belíssima – A escritora Leda Prado alega que um roteiro escrito por ela, que estava na Biblioteca Nacional, no Rio, teria sido roubada do local. Alguns personagens da novela Belíssima seriam iguais aos criados por ela.

Alma Gêmea – Walcyr Carrasco também foi acusado de plágio por conta da última novela das seis. O escritor Carlos de Andrade entrou com um processo alegando que a história de Alma Gêmea é uma cópia literal de seu livro, Chuva de Novembro, lançado em 1997 e, hoje, na terceira edição.

Fonte: O Fuxico, UOL. Disponível em:

<http://ofuxico.uol.com.br/Materias/Noticias/noticia_22387.htm>. Acesso em 27 ago 2007.

“O plágio é a tarefa mais árdua de comprovar, pois há muita gente com projetos de vida para se enriquecer via esses processos. Mas um plágio bem-sucedido é um crime perfeito”, finaliza o advogado Nehemias Gueiros, especializado em direitos autorais.



5. Recapitulando

Nesta aula, trabalhamos as diversas formas de citar e referenciar, além de termos avançado na estrutura de artigos científicos.

Percebemos que podemos citar de forma direta, copiando a redação ou a fala do autor em suas próprias palavras, ou podemos interpretar o que o autor nos está dizendo, organizando o seu pensamento com nossa própria redação (citação indireta).

Percebemos que, em ambos os casos, são imprescindíveis a indicação do nome do autor e do ano de publicação da citação. No caso de citações diretas, ainda devemos indicar a página de onde a fala foi copiada.

Toda citação ainda deve ser referenciada; para isso, faremos uso das regras da ABNT sobre referências. Temos vários tipos de publicação e cada uma delas têm sua forma de ser referenciada:

- Monografia (no todo, em parte ou em meio eletrônico)
- Periódico
- Evento
- Patente
- Documento jurídico
- Imagem em movimento
- Documento sonoro
- Documento cartográfico, tridimensional ou iconográfico
- Documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico
- Partituras

Avançamos bastante nas regras e aprendemos a redigir artigos científicos com todos os seus elementos: textuais, pré-textuais, pós-textuais e de apoio.



6. Amplie seus Conhecimentos

Sites e livros que trabalham a temática de direitos autorais:

Direitos autorais do empregador:

http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/direitos_autorais_empregador.htm

Plágio e direito autoral na *Internet* Brasileira

http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/Plagio_e_Direito_Autoral_na_Internet_Brasileira.html

Propriedade Intelectual

<http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/b150906-3.pdf>

O interesse público no direito autoral

<http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/O%20interesse%20público%20no%20direito%20autoral.htm>

CABRAL, Plínio. **Revolução Tecnológica e Direito Autoral**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.

CERQUEIRA, Tarcísio Queiroz. **Software, direito autoral e contratos**. Rio de Janeiro: ADCOAS, 1993. 371p.

Direito autoral e *Internet*.

http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/Direito_autoral_e_Internet.htm

Os desafios do direito autoral na época da *Internet*

<http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/Era%20digital.htm>

Direitos autorais na Word Wide Web

http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/Direito_autoral_e_Internet.htm

Direito autoral na *Internet*

http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/Coelho-Direito_autoral_na_Internet.html

Direito autoral na *Internet* depende de direito e cultura.

<http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/Ondas%20da%20Web.htm>



7. Referências

ABNT. **NBR 10520**: Informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de janeiro. 2002.

ABNT. **NBR 6022**: Informação e documentação: artigos em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de janeiro. 2003.

DIGITAL SCRIBE. **Internet**. 2006. Altura: 150 pixels. Largura: 165pixels. 9053 kb. Formato JPGE. Disponível em: <<http://www.ae.bio.br/Internet.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2007

ESCHER, Mauritis Cornelis. **Relativity**. 1953. Altura: 883 pixels. Largura: 850 pixels. 188 kb. Formato JPGE. Disponível em: <<http://www.mcescher.com/Gallery/back-bmp/LW389.jpg>>. Acesso em: 26 ago. 2007

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Normas de apresentação tabular**. 3º ed. Rio de Janeiro. 1993

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Ed. Cortês. 16º ed.1990.

AMIN, Tatiana. **Cobras e Lagartos é a mais nova novela acusada de plágio**. Notícias. O Fuxico. UOL.. São Paulo. 05 abr. 2007. Disponível em: <http://ofuxico.uol.com.br/Materias/Noticias/noticia_22387.htm>. Acesso em: 27 ago. 2007.



Unidade 3: Projeto, relatório técnico-científico e monografia.



1. Nosso Tema

Esta aula irá fechar o conteúdo de tipos de trabalhos científicos. Nela, trabalharemos projetos, relatórios técnico-científicos e monografias. Esses três tipos de trabalho são de fundamental importância para a vida acadêmica e profissional. Hoje, mais do que nunca, os processos científicos estão adentrando as organizações e somos chamados, a todo momento, a elaborarmos laudos, relatórios e lidarmos com projetos. Isso sem contar que, em muitos cursos, há a exigência de uma monografia de final de curso como requisito básico para a conclusão e graduação.

Este conteúdo deve ser estudado com muita atenção e paciência. Por se tratar de normas de padronização, há exigência de muitos detalhes. Sugiro-lhe que reserve um local tranquilo e um momento bem calmo para seu estudo.

Então, atenção aos detalhes, tranquilidade e,

BONS ESTUDOS!!!!!!



2. Para Refletir

Nesta unidade, iremos aprender a fazer um projeto, que é a fase de planejamento e organização da pesquisa. Hoje em dia, as modernas técnicas de gestão utilizam projetos para organizar toda e qualquer mudança dentro das instituições, empresas e organizações. Trata-se de um método muito útil para gerir mudanças e acompanhar a introdução de novas tecnologias e processos nas organizações.

Veja a definição de projeto retirada do livro PMBOK:

“Um **projeto** é um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado exclusivo. Os projetos e as operações diferem, principalmente, no fato de que os projetos são temporários e exclusivos, enquanto as operações são contínuas e repetitivas. Os projetos são normalmente autorizados como resultado de uma ou mais considerações estratégicas. Estas podem ser uma demanda de mercado, necessidade organizacional, solicitação de um cliente, avanço tecnológico ou requisito legal.

As principais características dos projetos são que eles são (1) temporários, possuindo um início e um fim definidos, (2) planejados, executado e controlado, (3) entregam produtos, serviços ou resultados exclusivos, (4) desenvolvidos em etapas e continuam por incremento com uma elaboração progressiva, (5) realizados por pessoas e (6) com recursos limitados. (PMI, 2000, tradução livre)

A prática de projetos está tão disseminada no ambiente empresarial que hoje temos organizações responsáveis por organizar e padronizar os processos de criação e manutenção de processos. Um dos órgãos de maior destaque internacional é o Project Management Institute¹.

Esta aula é dedicada à finalização dos tipos de trabalho científico. Nela, iremos conhecer mais de projetos, relatórios científicos e monografias, esses instrumentos tão úteis e tão necessários em qualquer organização e em todos os níveis superiores de ensino.

¹ Você pode consultar o site da matriz internacional: <<http://www.pmi.org/Pages/default.aspx>> ou o site da filial nacional: <<http://www.pmisp.org.br/exe/educacao/pmbok.asp>>



3. Conteúdo Didático

Pronto para começar? Agora vamos trabalhar os últimos três tipos de produção acadêmica propostos nesta disciplina: projeto, relatório técnico-científico e monografia. Vamos lá!

3.1. Projeto

É composto por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Agora, vamos detalhar cada um dos elementos:

3.1.1. Elementos pré-textuais

Capa

Elemento opcional. Deve conter os elementos abaixo relacionados, na ordem apresentada.

- Nome da entidade para a qual deve ser submetido, quando solicitado;
- Nome do(s) autor(es);
- título;
- subtítulo (se houver). O subtítulo deve ser apresentado após o título seguido de dois pontos (:), ou com fonte diferente do título;
- cidade da entidade, onde deve ser apresentado.
- ano de entrega.

Nome da entidade
Nome do(s) autor(es)

Título: subtítulo

Cidade
ANO

Lombada

Elemento opcional.

“Parte da capa da publicação que reúne as margens internas ou dobras das folhas, sejam elas costuradas, grampeadas, coladas ou mantidas juntas de outra maneira” (ABNT, 1992, p. 1).



Os projetos encadernados em capa dura devem obrigatoriamente possuir o título de lombada. Esse título deve ser redigido longitudinalmente e legível do alto para o pé da lombada.

Folha de rosto

Elemento obrigatório. A folha de rosto tem por objetivo identificar o trabalho. Nela devem estar presentes os seguintes elementos, na ordem que se segue:



- a) nome do(s) autor(es);
- b) título;
- c) subtítulo (se houver). O subtítulo deve ser apresentado após o título seguido de dois pontos (:), ou com fonte diferente do título;
- d) tipo de projeto de pesquisa e nome da entidade a que deve ser submetido;
- e) cidade da entidade, onde deve ser apresentado.
- f) ano de entrega.

Nome do(s) autor(es)
Título: subtítulo
Monografia de conclusão de curso
Cidade ANO

Lista de ilustrações

Elemento opcional. Deve conter o nome de cada ilustração e a respectiva página. Essa lista deve ser elaborada seguindo a ordem que as ilustrações surgem no projeto.

Lista de tabelas

Elemento opcional. Essa lista deve seguir a ordem que as tabelas surgem no projeto, apresentando o título de cada tabela e sua página.

Lista de abreviaturas e siglas

Elemento opcional. Trata-se da relação em ordem alfabética das abreviaturas e siglas usadas no texto, seguidas da grafia completa por extenso.

Lista de símbolos

Elemento opcional. Deve ser elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto e seu respectivo significado.

Sumário

Elemento obrigatório. Vamos iniciar distinguindo o sumário de índice e de listas. O índice tem por objetivo remeter o leitor a informações contidas no texto. A lista enumera os elementos constantes no texto de acordo com sua ordem de ocorrência. Já o sumário apresenta as divisões, seções e outras partes da publicação na ordem e grafia de sua ocorrência.

Agora, vamos às regras para elaboração de um sumário:

- a) a palavra sumário deve ser centralizada e com a mesma tipologia de fonte do título principal;
- b) os elementos pré textuais não devem constar no título;
- c) os elementos que compõem o sumário devem ser alinhados à esquerda;
- d) ao citar a página dos elementos do sumário, você pode optar por apresentar apenas a primeira página do item (27), a página



inicial e final separada por hífen (91-143), ou os números das páginas em que a seção se distribui no texto (27, 35, 64 ou 27-30, 35-38, 64-70).



E não se esqueça! Na sua aula *on-line* você poderá visualizar exemplos de cada elemento pré-textual. Confira-os!

3.1.2. Elementos textuais

Introdução

A introdução deve conter o tema do projeto, o problema a ser abordado, as hipóteses (se houver), os objetivos e as justificativas.



O tema é o assunto que se deseja desenvolver. Ao redigir o seu tema de pesquisa, você estará respondendo à questão: o que pesquisar?

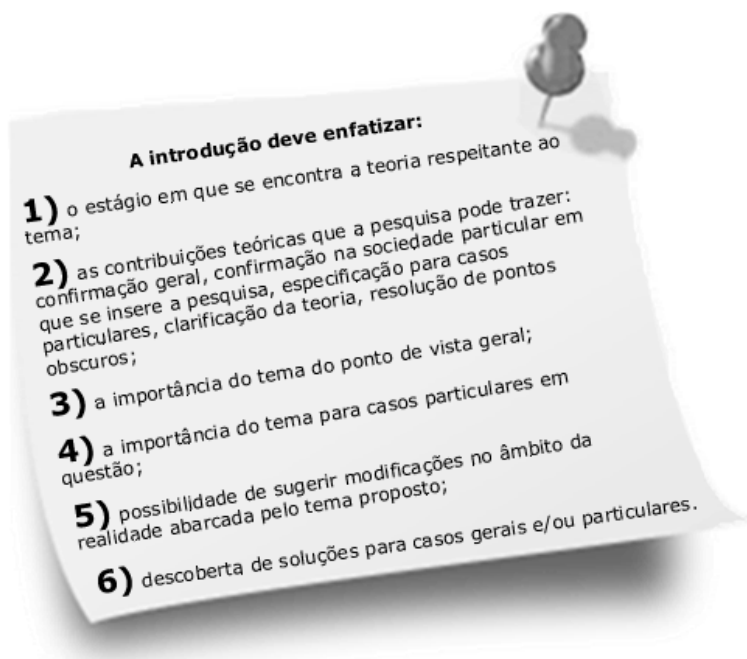
Definido o tema, teremos que buscar autores, congressos, simpósios e livros que dissertem sobre ele. Nossa finalidade é introduzir o leitor na área de conhecimento que estamos investigando. Nossos estudos anteriores ao projeto nos tornaram um conhecer, quase um especialista sobre o assunto. A intenção na introdução é despertar o leitor para o problema investigado, iniciando-o em nossa pesquisa. Apresente ao leitor as características gerais e específicas do problema a ser investigado e vá, no desenrolar de sua redação, traçando um caminho que culminará nos problemas e nas dificuldades enfrentadas com realce para o problema gerador.

O **problema** é a questão que tentaremos elucidar ou resolver com o projeto. No final da apresentação do tema, apresentamos o problema, que foi o gerador do projeto.

O **objetivo geral** está ligado ao tema, por isso, é mais complexo e abrangente. É um objetivo gerado a partir do problema gerador.

Os **objetivos específicos** são intermediários e se apresentam como passos rumo ao objetivo maior que é o objetivo geral. Não existe um número máximo ou mínimo para os objetivos, não obstante, deve-se sempre lembrar que todo objetivo deve ser investigado e a correspondente conclusão apresentada no final do trabalho.

Em **justificativa**, você precisa provar ao leitor de que se trata de um estudo necessário e importante.



A justificativa é o porquê do projeto, é o elemento que contribui mais diretamente na aceitação da pesquisa pela(s) pessoa(s) ou entidades que vai financiá-la.

De acordo com SILVA (2004), a justificativa consiste em uma exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa.

Hipóteses

A hipótese é uma resposta provisória ao problema gerador. O gestor do projeto geralmente se embasa em seu conhecimento prático e cotidiano para criá-la. Eis algumas das características de uma boa hipótese:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Consistência lógica; | <input type="checkbox"/> Plausibilidade; |
| <input type="checkbox"/> Verificabilidade; | <input type="checkbox"/> Clareza; |
| <input type="checkbox"/> Simplicidade; | <input type="checkbox"/> Profundidade; |
| <input type="checkbox"/> Relevância; | <input type="checkbox"/> Fertilidade; e |
| <input type="checkbox"/> Apoio teórico; | <input type="checkbox"/> Originalidade. |
| <input type="checkbox"/> Especificidade; | |

Referencial teórico

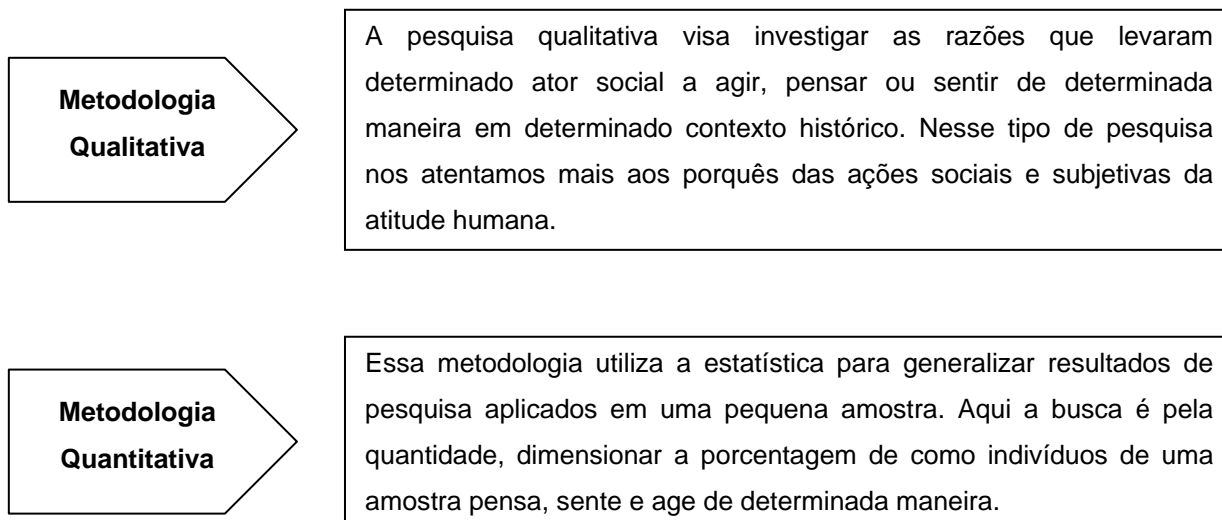
A pesquisa científica não é só uma descrição do experimento realizado, é uma interpretação da realidade a partir de um referencial teórico. A pesquisa pode ou não confirmar o que o referencial teórico nos aponta. Diante desse casamento entre a teoria e prática, torna-se necessário, e mesmo imprescindível, a escolha de uma teoria de embasamento para a investigação, além de buscar na literatura científica, pesquisas com objetivos semelhantes.

De posse de um referencial que norteie o seu olhar, e de pesquisas que apontem o que outros já produziram sobre o assunto investigado, descreva esses dados nesta parte de seu projeto.



Metodologia

A metodologia é o 'como' investigar ou resolver o problema apontado no projeto. Existem diversos métodos e técnicas de pesquisa e os abordaremos com maior clareza e profundidade nas aulas que se seguem. Para que vocês não fiquem com água na boca, vou dar uma "canjinha":



Recursos:

Em recursos devem estar descritos todos os gastos com pessoal e material que ocorrerão no desenrolar do seu projeto. Trata-se de uma previsão de gastos e despesas que norteia a captação de recursos e locação de pessoal qualificado durante o desenrolar do projeto. Veja um exemplo de recurso no material *on-line*.

Cronograma

O cronograma é uma organização temporal das atividades e tarefas que devem ser desenvolvidas para que o projeto alcance êxito. Ele se apresenta em forma de tabela. Veja um exemplo no material *on-line*.

3.1.3. Elementos pós-textuais

Referências:

Elemento obrigatório

Esse assunto já foi tratado em unidade anterior. Lembra?

Glossário:

Elemento opcional



“Lista em ordem alfabética de palavras ou expressões técnicas de uso restrito ou de sentido obscuro, utilizadas no texto, acompanhadas das respectivas definições” (ABNT, 2003, p.2).

Apêndice:

Elemento opcional

Documento criado pelo(s) autor(es) e apresentado no artigo visando complementar e validar a argumentação. Sua figuração no artigo é opcional e deve ser utilizada apenas quando considerada necessária. O apêndice é identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos.

Exemplo:

APÊNDICE A – Questionário utilizado em fornecedores

APENDICE B – Questionário utilizado em clientes

Anexo:

Elemento opcional

Documento que **não** foi criado pelo autor. É apresentado no artigo visando complementar e validar a argumentação. Sua figuração no artigo é opcional e deve ser utilizada apenas quando considerada necessária. O anexo é identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos.

Exemplo:

ANEXO A – Tabela periódica dos elementos

ANEXO B – Representação gráfica de contagem de células inflamatórias presentes nas caudas de regeneração.

Índice:

Elemento opcional

O índice é uma “Lista de palavras ou frases, ordenadas segundo determinado critério, que localiza e remete para as informações contidas no texto.” (ABNT, 2003, p. 2). Trata-se de listar, no final de seu projeto, as palavras-chave ou frases que permitirão ao leitor localizar com maior facilidade uma determinada parte de seu trabalho. O índice é indicado para trabalhos complexos e extensos. Trata-se de um elemento opcional de acordo com as regras da Newton Paiva.



3.2. Relatório técnico-científico e monografia

Já caminhamos bastante nesta disciplina. Diferenciamos conhecimento científico dos demais conhecimentos; aprendemos a fazer um projeto de trabalho ou estudo e a utilizar o *Word* de uma forma que facilite a nossa redação. Agora iremos trabalhar o relatório técnico-científico e a monografia.

O relatório técnico-científico tem por objetivo descrever todo o processo de pesquisa, desde sua concepção até os resultados, de forma detalhada. Já a monografia ou TCC objetiva verificar a aprendizagem de determinado conteúdo, curso, disciplina, graduação ou especialização.

As fases de um **relatório gerencial** têm uma lógica muito semelhante à de **artigos científicos** e é quase idêntica à estrutura de **monografia e TCC**. A diferença entre o relatório técnico-científico e a monografia é o prefácio e o resumo em língua estrangeira. O prefácio é exclusivo do relatório, e o resumo em língua estrangeira é obrigatório em monografias/TCC's. Atenção à ordem disposta; ela é **obrigatória**.

3.2.1. Elementos pré-textuais

Capa – Elemento obrigatório

Na capa é imprescindível o nome e endereço do organismo responsável (autoria), título e subtítulo e data (mês e ano). Se o relatório possuir lombada grossa que permita impressão legível, nela devem figurar o nome do autor ou sigla da instituição responsável e título do relatório.

Folha de rosto – Elemento obrigatório

Informações que devem constar na folha de rosto: nome do órgão responsável (autor coletivo), título e subtítulo, autoria, natureza do trabalho, local e data de publicação.

As informações da folha de rosto que são repetição da capa devem figurar em posições similares. Veja o exemplo no documento estilo relatório que está no material *on-line*.

Prefácio (apresentação) – Elemento obrigatório

Só é utilizado em relatórios que serão **publicados**. Visa à apresentação, ao esclarecimento ou à justificativa do relatório. Deve obrigatoriamente ser redigido por pessoa diferente do autor.



Resumo – Elemento obrigatório

O resumo de relatório deve ser obrigatoriamente informativo, dando ao leitor a oportunidade de decidir se é ou não necessária a leitura completa do material. O resumo deve aparecer em página de frente.

Lista de símbolos e abreviaturas - Elemento opcional.

“Elemento preliminar que reúne símbolos e/ou convenções utilizadas no decorrer do texto, com as respectivas significações, a fim de dar ao leitor condições de melhor entendimento do trabalho”. (ABNT, 1989, p. 5). Idêntico ao estudado em **projetos**.

Lista de ilustrações - Elemento opcional.

Neste item, deve-se indicar as ilustrações existentes no relatório, na ordem em que aparecem com a indicação da respectiva página. Idêntico ao estudado em **projetos**.

Sumário

Último elemento pré-textual, indica os títulos e os subtítulos na seqüência em que eles surgem no texto, com a respectiva indicação de paginação. Idêntico ao estudado em **projetos**.

3.2.2. Elementos textuais

Introdução

Primeiro elemento textual, a introdução deve apresentar os objetivos do trabalho, as razões de sua elaboração (justificativa), bem como a relação com outros trabalhos (revisão de literatura). Ainda na introdução, devemos trabalhar os objetivos. Os objetivos se dividem em objetivo geral e objetivos específicos. O objetivo geral está diretamente relacionado com o problema-gerador. Já os objetivos específicos são objetivos menores que, quando atingidos, contribuem para a solução do problema-gerador e para alcançar o objetivo geral. Os objetivos de investigação são expressos através de verbos de ação como: identificar, verificar, descrever e analisar. Lembre-se de que cada objetivo específico definido deve conter uma resposta em conclusão e uma linha de investigação em metodologia. O ideal é que tenhamos, no máximo, quatro objetivos específicos.

Na justificativa, devemos nos atentar para:

- ❑ Fatores que determinaram a escolha do tema, sua relação com a experiência profissional ou acadêmica do autor. No caso da monografia, ainda deve ser expressa a vinculação do autor à área temática e à uma das linhas de pesquisa do curso de pós-graduação;



- ❑ Argumentos relativos à importância da pesquisa, do ponto de vista teórico, metodológico ou empírico;
- ❑ Referência a sua possível contribuição para o conhecimento de alguma questão teórica ou prática ainda não solucionada.

Na parte da pesquisa bibliográfica, você irá apresentar o que os autores da área já publicaram sobre o assunto pesquisado. A revisão de literatura não é um trabalho de colar e copiar pequenos trechos de vários autores: é mais que isso! Trata-se de discutir as idéias, os fundamentos, os problemas do raciocínio apresentado e trazer sugestões sobre o trabalho de cada autor selecionado. É efetivamente um exame e uma crítica da idéia trazida por cada autor. Pode-se, inclusive, trazer autores que se contrapõem para tornar o debate mais rico. Nesses casos, é importante você se posicionar e argumentar sobre o porquê de estar de acordo com determinado autor e embatendo-se com outro(s).

Desenvolvimento

O desenvolvimento é a fase mais importante da pesquisa. É nela que você irá apresentar a metodologia utilizada e os dados coletados. A metodologia é o 'como' procedemos para investigar a realidade delineada nos parágrafos anteriores. Ela abarca desde o tipo de investigação: se qualitativa ou quantitativa; até o procedimento e as técnicas utilizadas. A metodologia deve estar em consonância com os objetivos específicos. Os procedimentos utilizados devem ter condição de gerar resposta a todos os objetivos. Lembre-se de que você deve justificar ao leitor o porquê da escolha dessa metodologia em detrimento de outras.

Essa seção pode ser dividida em quantas subseções se façam necessárias para apresentar com lógica e clareza os argumentos de sua investigação. Todas as ilustrações ou quadros essenciais à compreensão do texto devem ser incluídos nesta parte do relatório.

Conclusões e/ou recomendações

Após realizar a discussão do que os outros autores estão levantando e concluindo sobre o tema escolhido, parte-se para apresentação dos dados obtidos na pesquisa de campo. A conclusão é o momento do trabalho de redação que você tem mais liberdade de expressão e apresentação de suas idéias. Até o presente momento, muito do que os outros pensam e argumentam foi colocado, mas esse é o espaço para o autor apresentar o que ele pensa e argumenta. Aqui, você tem voz ativa e sua voz deve aparecer em alto e bom tom!

Dados quantitativos não devem figurar nesta parte do trabalho, já que este é o momento de dedução e argumentação. Evite resultados comprometidos e passíveis de discussão.



“Recomendações são declarações concisas de ações, julgadas necessárias a partir das conclusões obtidas, a serem usadas no futuro.” (ABNT, 1989, p. 5).

A argumentação tem por objetivo persuadir o leitor a aceitar as proposições e idéias do pesquisador.

Salvador (*apud* LAKATOS; MARCONI, 1992) apresenta dois tipos de argumentação: a argumentação formal e a informal. Como não utilizaremos a argumentação informal, pois estamos realizando um procedimento científico, trabalharemos apenas a argumentação formal:

Fases da argumentação formal:

- ❑ Argumentação de uma proposição – A proposição deve estar redigida de forma que leitor perceba argumentos contra e a favor dela.
- ❑ Análise da proposição – Define-se com precisão o significado da proposição e seus termos, indicando claramente a posição que se deseja (adotar ou rejeitar a proposição);
- ❑ Formação de argumentos – Apresentam-se provas ou razões que sustentem a opinião assumida ou que a refutem. No nosso caso, em pesquisa, as provas podem demonstrar que a nossa hipótese inicial estava incorreta e o resultado pode apontar para um caminho e para uma resposta imprevista.



4. Teoria na Prática

Temos vários *sites* e livros que trabalham o tema de projetos, relatórios técnico-científicos e monografias. Só que precisamos ter atenção. Nem todos disponibilizam informações condizentes com a ABNT. Abaixo, segue um trecho de um texto do *site* Zé Moleza. Observem os dados apresentados e as críticas a seguir:

Guia para a confecção de projetos de pesquisa

Resumo

O presente texto apresenta aos alunos alguns aspectos formais de um Projeto de Pesquisa. A exposição dos diferentes capítulos que compõem o referido projeto (introdução; objetivos; justificativa; metodologia e bibliografia) e de seu conteúdo têm por objetivo formular uma proposta de padronização para os diferentes cursos.

Palavras-chave: metodologia, pesquisa científica, projeto de pesquisa

Abstract

Projeto tem abstract?
Primeiro erro!!

This article presents to the students some formal aspects of a Research Project. The exposition of the different chapter's which integrate a project (introduction, objectives, justification, method and bibliography) and its contents is designed to formulate a standardization proposal to various programs.

Keywords: methodology, scientific research, research project

Não é este o
espaçamento de margem
indicado pela ABNT....

[...] As margens são as seguintes: esquerda, 4,0 cm; direita 2,5 cm; superior 3,5 cm; inferior 2,5 cm.

As páginas devem ser numeradas no canto superior direito, tendo início naquelas referentes aos elementos textuais – capa e sumário não são numerados, muito embora entrem na contagem de páginas (Garcia, 2000).

Bibliografia

Não se usa mais
bibliografia e sim
referências, conforme a
ABNT.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de e LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCIA, Maurício. Normas para elaboração de dissertações e monografias. (Online, 26.05.2000, http://www.uniabc.br/pos_graduacao/normas.html).

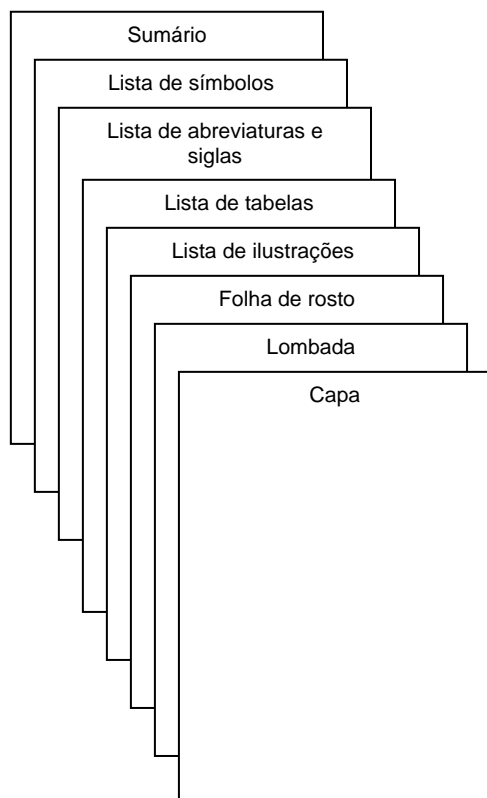
É assim que se
referenciam textos e
documentos retirados da
Internet?



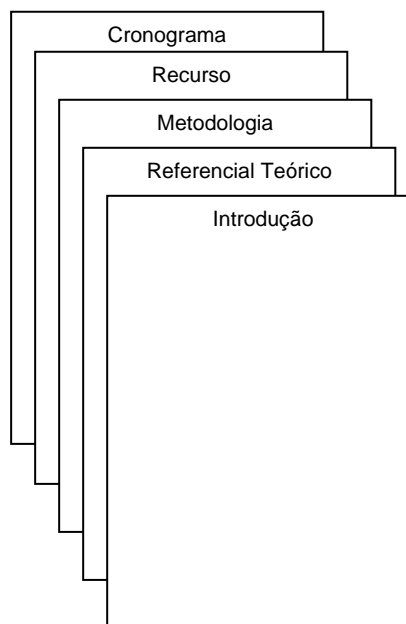
5. Recapitulando

FORMATO DO PROJETO

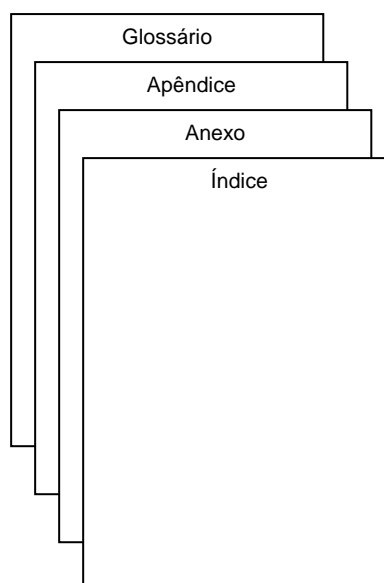
Elementos Pré-Textuais



Elementos Textuais



Elementos Pós-Textuais





FORMATO DO RELATÓRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO E MONOGRAFIA

PRELIMINARES	TEXTO	PÓS-LIMINARES OU PÓS-TEXTO
Capa		
Folha de rosto		Anexos
Prefácio ou apresentação (em Relatórios)	Introdução	Agradecimentos
Resumo	Desenvolvimento	Referências
<i>Abstract</i> (somente em monografias e TCC's)	Conclusões e/ou	Glossário
Lista de símbolos, unidades, abreviaturas, etc.	recomendações	Índice(s)
Lista de ilustrações		
Sumário		



6. Amplie seus Conhecimentos

É difícil encontrarmos literatura condizente com o material da ABNT. Os padrões mudam, as normas se atualizam, mas os autores, professores, mestres e doutores continuam utilizando o padrão antigo.

Quantas e quantas vezes já não me deparei com o meu orientador dando sugestões que se referiam a normas antigas que já foram ultrapassadas. Por esse motivo, deixo aqui uma sugestão: sempre consulte a bibliotecária antes de publicar um artigo, uma monografia ou um *paper* para anais de congresso. Ela, com certeza, terá dicas preciosas e lhe mostrará a norma em vigor para lhe orientar.

Na Internet, também é comum encontrarmos *sites* e *sítes* indicando como fazer uma monografia, um artigo, redigir uma dissertação, um *paper* de congresso entre outros... não confie em todos eles, como você deve ter visto na teoria e na prática, temos *sites* que nos aconselham formatos e padrões que fogem à estrutura que nos será cobrada...Utilizem a ABNT e garanto que os seus trabalhos serão vistos com mais confiança e seriedade pelos seus leitores.



7. Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: Informação e documentação: Sumário: Apresentação. Rio de Janeiro. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10719**: Apresentação de relatórios técnico-científicos, Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12225**: Títulos de lombada. Rio de Janeiro. 1992.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15287**: Informação e documentação: Projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro. 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio do século XXI**. 3º ed. [S.l.]: Ed. Positivo. Disponível em: <www.uol.com.br/aurelio>. Acesso em: 10 fev. 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 1992.

OIW Telecom Soluções. **Projetos**. Largura: 339 pixels. Comprimento: 234 pixels. 236 kb. Imagem em: bitmap. Disponível em: <http://www.oiw.com.br/solucoes/solicitar_projeto>. Acesso em: 10 fev. 2006.

SILVA, Cassandra Ribeiro de O. **Guia Prático de metodologia e organização de projeto de pesquisa**. Mai. 2004. Disponível em: <http://www.etfce.br/Pesquisa/dippg/metodologia/Metodologia%20e%20Organiza%E7%E3o%20de%20pesquisa_apostila.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2006.



Unidade 4: Tipos de Pesquisa



1. Nosso Tema

Já discutimos o que é ciência e como divulgar o conhecimento que estamos gerando em nossa vida acadêmica e profissional. Nesta última unidade, trabalharemos as tipologias de pesquisa, um tema que não tem consenso entre os autores.

Você sabia que existem diversas nomenclaturas e tipologias?

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA - PESQUISA EXPERIMENTAL - PESQUISA DESCRITIVA -
PESQUISA DOCUMENTAL - **PESQUISA QUALITATIVA** - Pesquisa quantitativa -
pesqui sa *ex post facto*

Com o intuito didático, optei por utilizar as duas padronizações mais utilizadas:

A tipologia de fonte de dados e a tipologia de métodos empregados.

Na tipologia de fonte de dados, temos as pesquisas em fonte primária ou direta e a pesquisa em fonte secundária ou indireta.

Na tipologia de métodos empregados, temos as pesquisas de cunho quantitativas que surgiram junto com o nascimento da própria ciência e as pesquisas qualitativas que são controversas até hoje. Para os cientistas mais conservadores, as pesquisas qualitativas não devem fazer parte do conteúdo e da metodologia de pesquisa. Daí a proliferação de artigos que ressaltam a importância e a validade de pesquisas que se utilizam deste método de investigação.

Prontos para passearmos por esse novo conhecimento?



2. Para Refletir

Às vezes, é comum encontrar estudantes de um curso de exatas falando com desdém para outro aluno de um curso de humanas:

“- O seu curso é fácil, queria te ver fazendo o meu que só tem cálculo. Vocês ficam só no discurso e nós nas contas matemáticas.”

Não obstante, não é comum pararmos para pensar de onde veio esse questionamento, nem o porquê de as pessoas acharem que o curso de humanas é mais “fácil” que o curso de exatas, que lida com números. Na realidade essa discussão deriva da própria história da ciência.



No princípio era o número!!!!

Nos primórdios da ciência, os cientistas se preocupavam em mapear e prever o mundo que estava a nossa volta. Daí o uso de instrumentos quantitativos de análise e verificação da realidade.

Mas os números perderam sua primazia quando o olhar dos cientistas se voltou para os próprios homens e a sociedade. Surgiram, então, outras formas de estudos, novos métodos, novas ciências. E esse marco histórico fundou uma divisão entre velho paradigma e surgimento dos métodos qualitativos de análise da realidade.

Você notou como essa cena ilustra que a história da ciência faz parte da sua própria história? Pronto para entender um pouco mais da ciência e das suas conseqüências em sua vida, seus métodos, sua área?



3. Conteúdo Didático

Todos os dias, deparamo-nos com toneladas de informações derivadas de pesquisas: na escola, nossos filhos sempre estão pesquisando um assunto de determinada disciplina; no trabalho, somos obrigados a alcançar *scores* de produtividade que foram definidos por meio de pesquisas; no supermercado, compramos o sabão em pó que as pesquisas comprovaram ser o que deixa a roupa mais branca; entre tantas outras.

Uma parte importante de nossa vida e das nossas escolhas depende do que as pesquisas apontam. Mas como essas pesquisas foram feitas e como elas chegaram a essas conclusões? Esse é o objetivo desta unidade.

Quando estamos diante de um problema e decididos a resolvê-lo, podemos agir de duas formas distintas:

1. Recorrer ao conhecimento de outras pessoas sobre o assunto (livros, pessoas sábias ou com *expertise* no assunto) ou
2. Ir direto à fonte e verificar, com nossos próprios sentidos, o que percebemos.

Na pesquisa, fazemos o mesmo movimento. Utilizamos o conhecimento produzido por outras pessoas quando buscamos respostas às nossas questões em livros, revistas técnicas, artigos científicos, documentários televisivos. Esse tipo de pesquisa é chamado pesquisa em fonte secundária.

Quando, no intuito de resolvermos um problema, apuramos nossos instrumentos de medição ou nosso olhar para o ambiente onde o problema se encontra, estamos fazendo uma pesquisa em fonte primária. Como você pode ver, trata-se de um movimento natural do ser humano que se transformou em método e passou a fazer parte da nossa maneira de pesquisar. Como você deve ter notado, já iniciamos a tipificação das pesquisas ao distinguirmos a pesquisa em fonte primária, da pesquisa em fonte secundária.



Você sabia que existem várias formas de se tipificar uma pesquisa? A partir de agora, vamos estudar duas tipologias: uma que classifica a pesquisa de acordo com a **fonte de informação**, ou seja, a pesquisa em fonte primária e fonte secundária e a segunda tipologia que divide as pesquisas de acordo com o **método utilizado**: qualitativas e quantitativas.



Sempre sugiro ao pesquisador usar, no mínimo, um procedimento de cada tipo. Dessa forma, poderemos confrontar dados obtidos de diferentes fontes e enriquecer a nossa posterior análise.



Tenha o cuidado de escolher uma fonte de dados primária e uma secundária para sua pesquisa e SEMPRE associe um método qualitativo, a um método quantitativo.

Não podemos nos esquecer de que, em alguns casos, o nosso objeto de estudo será o ser humano e o seu comportamento. Como tal, há uma série de aspectos éticos envolvidos que devem ser levados em consideração ao se trabalhar com sujeitos em situação de laboratório.



Leia a discussão realizada por Francisconi e Goldim (2002), no artigo **Ética aplicada à pesquisa**, que está disponível em Publicações/Publicações do ambiente de aprendizagem.

3.1. Pesquisa em fonte primária

Pesquisar em fontes primárias significa que iremos à fonte, ou seja, onde tudo acontece para verificar se as nossas hipóteses estão corretas. Exemplo: Se você estiver pesquisando os investimentos no setor agrícola, em vez de consultar pesquisas realizadas por órgãos como SEBRAE e EMBRAPA, irá diretamente ao pequeno, médio e grande proprietário rural e investigará que tipo e volume de investimentos tem chegado a ele.

São várias as formas de se pesquisar em fontes primárias. Há uma variedade tão grande de métodos que, dificilmente, eu me proporia a esgotar o assunto. Por isso, vamos estudar os mais utilizados, detalhando um pouco seus instrumentos, limitações e vantagens. Essa grande variedade é importantíssima, pois reflete um avanço científico na instrumentalização do estudo da realidade e permite ao pesquisador optar pelo que lhe dará mais subsídios frente à linha teórica e perspectiva científica adotada.

A abordagem do mesmo objeto, através de instrumentos científicos distintos, também dá maior veracidade e confiabilidade aos resultados encontrados. Imagine que, ao optar por determinada metodologia, você alcançou resultados que foram semelhantes aos apresentados por outra pessoa que utilizou de uma metodologia distinta. Essa confrontação de resultados leva-nos a imaginar que a representação traçada está bem próxima da realidade pesquisada.

Há dois tipos clássicos de pesquisa em fonte primária. Veja a seguir:



3.1.1. Pesquisa de campo

A Pesquisa de Campo é aquela que vai ao local onde, espontaneamente, o problema investigado se manifesta e se confronta com a realidade. Para ir a campo, devemos estar instrumentalizados e ter pré-definidos os métodos de coletas de dados que iremos utilizar. Para tanto, faz-se necessário uma ampla pesquisa bibliográfica e uma definição bem clara do problema a ser investigado. De posse dessas informações, procede-se à coleta sistemática de dados em seu ambiente *in nature*.

Vamos ver o que Marconi e Lakatos (1990, p. 75) dizem a respeito:

Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los. A pesquisa de campo propriamente dita não deve ser confundida com a simples coleta de dados; é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado.



Em outras palavras, consiste na apreensão, na organização e no registro de percepções, referentes ao problema investigado em uma situação onde esse problema se manifesta.

Marconi e Lakatos (1990) ainda nos apontam as seguintes vantagens e desvantagens da pesquisa de campo:

Vantagens:

- ◆ Acúmulo de informações sobre determinado fenômeno, que também podem ser analisadas por outros pesquisadores para outros objetivos;
- ◆ Facilidade na obtenção de uma amostragem de indivíduos, sobre determinada população ou classe de fenômenos.

Desvantagens:

- ◆ Pequeno grau de controle sobre a situação de coleta de dados e a possibilidade de que fatores desconhecidos para o pesquisador possam interferir nos resultados; Exemplo: Determinada pesquisa sobre o comportamento de compra de eletro-eletrônicos era feita anualmente com a finalidade de acompanhar o aumento ou redução do poder de compra da população. Entretanto, esse objetivo foi prejudicado quando o governo aumentou as tarifas de energia elétrica com o intuito de reduzir as chances de um “apagão”.
- ◆ O comportamento verbal é de relativa pouca confiança pelo fato dos indivíduos estarem inseridos em uma sociedade onde ocorrem constantes jogos de poder e a simples especulação subjetiva dos objetivos da pesquisa já são suficientes para o indivíduo alterar as suas respostas na esperança de obter algum ganho com a pesquisa.

3.1.2. Pesquisa de laboratório

A pesquisa de laboratório tenta trazer, para uma situação de controle, as situações em que o problema a ser pesquisado se manifesta e, dessa forma, mapear quais são as variáveis que influenciam na frequência do evento.



Quero chamar a atenção para o fato de que nem sempre a pesquisa do tipo laboratório precisa ser realizada nesse ambiente. É possível realizar esse tipo de pesquisa em ambientes abertos como uma praça ou supermercado, desde que as variáveis supostamente envolvidas na ocorrência de um evento sejam controladas.

A pesquisa em laboratório implica trazer para a situação de laboratório as situações que ocorrem no dia-a-dia dos ambientes pesquisados. Esse tipo de pesquisa é muito mais freqüente nas ciências exatas como a química. É comum, ao imaginar o ambiente de laboratório, visualizar uma pessoa vestida de branco lidando com pipetas e pistons.



Lembre sempre! A pesquisa de laboratório também é aplicada nas ciências sociais e não necessariamente deve ocorrer em um ambiente de laboratório.

Escolha um corredor de um supermercado e verifique uma série de variáveis (dia do mês, a hora, a estação do ano, a variação climática externa, a época do ano e a disposição de cada produto na gôndola). Enquanto você realiza essas medições, outra pessoa está encarregada de verificar o volume de pessoas que passa por ali e a quantidade de pessoas que retira da gôndola um determinado produto X. Guarde esses dados, pois eles corresponderão ao seu grupo de controle.

Se o seu objetivo for verificar se a venda de determinado produto tem relação com a sua disposição, vá trocando-o de lugar até verificar em qual lugar ele vende mais (grupo de pesquisa). Não se esqueça de fazer sempre as medições já mencionadas! Você pode ter uma surpresa, por exemplo, ao perceber que o que mais influencia a venda do produto escolhido é a umidade do ar, ou seja, a propensão ou não à chuva e não a disposição na gôndola.

3.2. Pesquisa em fonte secundária

É aquela pesquisa que se baseia em informações que outras pessoas produziram a respeito do tema escolhido. Em outras palavras, é a opinião que outro ser humano tem a respeito do tema. Pode ser de dois tipos: documental e bibliográfica.

Vamos conhecer cada uma delas?

3.2.1. Pesquisa documental

É realizada por meio da análise de documentos sociais. Esses documentos podem ser de âmbito macro como, por exemplo, o conjunto de leis que regulamentam o nosso país ou determinado segmento, como é o caso dos cursos tecnológicos; ou micro como, por exemplo, os regulamentos específicos do Unicentro Newton Paiva.



Na **pesquisa documental**, a nossa fonte de dados está restrita a **documentos: escritos ou não!** Alguns deles nem sequer se tornaram públicos, pois são de fórum íntimo. Um exemplo seriam correspondências amorosas onde, muitas vezes, em tom de confiança, personagens históricos relevantes declaram sem pudor seus objetivos, uma vez que estão fora do palco dos jogos de interesses.

Na pesquisa documental, você também poderá utilizar meios audiovisuais na sua investigação. A diferença se encontra na natureza dos dados.

Se você optar por realizar uma pesquisa documental, deve ter consciência de que tratará, **também**, de dados que não tinham a intenção de circularem em meios públicos. Ex. fichas de admissão e demissão de funcionários, registros escolares, atas de reuniões docentes, entre outros. Portanto, fique atento a aspectos éticos envolvidos!

O conteúdo trabalhado não é consensual em ciência. Existem autores que categorizam a pesquisa documental como fonte de dados primária e secundária, uma vez que se tem acesso a documentos em sua situação espontânea de produção e utilização, ou seja, utilizam-se dados colhidos diretamente na realidade pesquisada.

3.2.2. Pesquisa bibliográfica

A **pesquisa bibliográfica** trata de tudo que se tornou **público** a respeito do tema: desde artigos científicos até entrevistas vinculadas em rádio e televisão. É um apanhado de tudo que foi cientificamente produzido sobre o assunto pesquisado. Para esse tipo de pesquisa, devemos utilizar revistas científicas, livros, dissertações e teses, documentários, publicações de simpósios e seminários científicos.

Em linhas gerais a pesquisa bibliográfica é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes. Ela abrange: publicações avulsas, livros, jornais, revistas, vídeos, internet, etc. Esse levantamento é importante tanto nos estudos baseados em dados originais, colhidos numa pesquisa de campo, bem como aqueles inteiramente baseados em documentos (BONI; QUARESMA, 2005, p. 71).



Essa pesquisa é muito importante porque ela evita que pesquisemos dados e assuntos que já se tornaram consenso científico, além de nos prover de importantes informações que nortearão e permitirão um melhor recorte da realidade investigada.

3.3. Pesquisa quantitativa

Ser-no-mundo como homem é habitar esta e nesta inospitalidade. (HEIDEGGER, 1976).

Quando a ciência surgiu, os cientistas tinham a pretensão de encontrar e descrever todas as relações de causa e efeito que existem na natureza. Para isso, eram necessários instrumentos que permitissem um alto grau de controle e verificabilidade da situação pesquisada. Ora, o exemplo clássico do cientista em um jaleco branco lutando para medir e categorizar tudo que estava ocorrendo em seus experimentos dentro do laboratório é bem claro nesse aspecto.

O cientista travava uma luta com a realidade, pois ele deveria ser o senhor de tudo que se passava na experiência e deveria ter total domínio e controle de todas as variáveis. Cabia a ele criar e encontrar instrumentos para medir tudo, exatamente TUDO que estava acontecendo e que tinha relação com o experimento.

A ciência foi a invenção que melhor cumpriu o papel de predição e mensuração da realidade natural, leis físicas e naturais, pois utilizou dos instrumentos galileianos de recorte da realidade, como a mensuração, quantificação, padronização, predição e repetição para o estudo da realidade.

As ciências naturais como a física, a biologia, a matemática e a química são as mais antigas e, portanto, as que melhor se adaptaram a esse método de recorte da realidade, que investiga fenômenos em busca de leis universais e generalizações.

A natureza do objeto (objetos naturais como fogo, placas tectônicas, animais e seres microscópicos, por exemplo.) sobre o qual a ciência se debruçava permitia aos cientistas pensar em uma neutralidade do pesquisador sobre o objeto pesquisado.

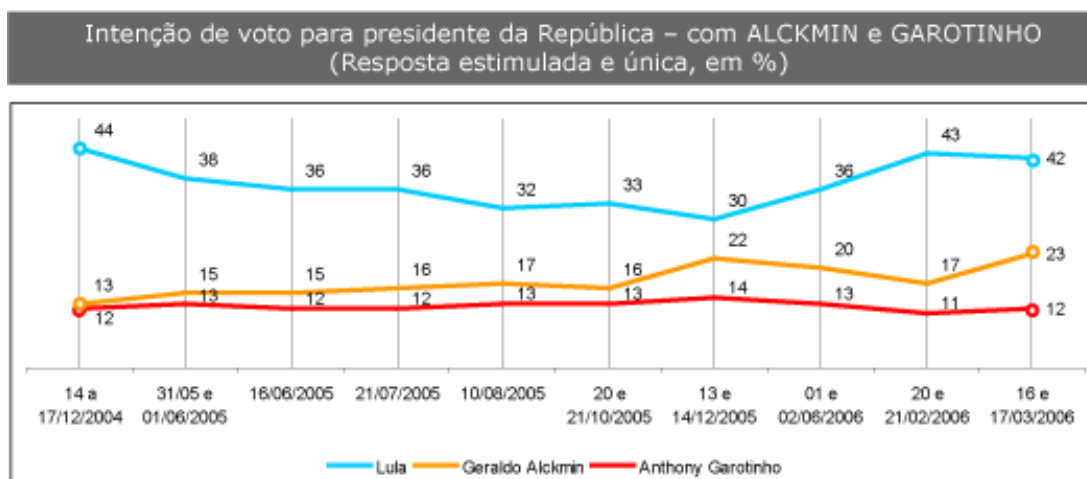
A pesquisa quantitativa surgiu quando os cientistas, preocupados em descrever e dominar a realidade que os afligia e atormentava com tufões, furacões, terremotos e pestes, passaram a investigar a natureza.

As características dos métodos quantitativos se confundem com as características da ciência no seu momento de criação, ou seja, na pesquisa quantitativa, busca-se mapear e medir todas as variáveis empregadas de forma a permitir que o conhecimento produzido seja testado e replicado posteriormente, além de haver também uma busca constante por regras universais.

Na pesquisa quantitativa, busca-se descobrir regras sociais que sejam aplicáveis a toda a população pesquisada, permitindo ao pesquisador prever a porcentagem de chance de determinada população agir de uma determinada maneira. Um exemplo cotidiano de pesquisas que procuram generalização são as pesquisas eleitorais, que tem o intuito de prever a quantidade de pessoas de determinado local que votará em determinado candidato.

A seguir, veja um exemplo de pesquisa quantitativa realizada nas eleições presidenciais de 2006.

Gráfico 1 – Intenção de voto para presidente da República 2006



Fonte: Datafolha. 13 mar. 2006. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/po/intvoto_pres_17032006a.shtml>. Acesso em: 05 out. 2007.

Quando o objeto de investigação passa a ser o homem, surgem as ciências sociais, como, por exemplo, a psicologia, a sociologia, a história e a antropologia. Essas ciências se depararam com a ineficiência dos instrumentos quantitativos para explicar o porquê de determinada situação ou ação, surgindo, assim, uma nova questão:

Como impedir a interferência dos desejos, dos interesses e dos pré-conceitos do sujeito sobre suas representações diante do real?

3.4. Pesquisa qualitativa

Com o avançar dos anos, a ciência passou a dominar, sobremaneira, a natureza que nos cerca e virou o seu olhar para outro objeto:

O homem e suas relações!

Temos, então, o nascimento das ciências sociais: a psicologia, sociologia, antropologia, administração entre outras. Bom, a que se convir que essas novas ciências têm um objeto de estudo



bem diferente das anteriores. Se antes o cientista podia voltar o seu olhar sobre uma pedra sem se confundir com ela e sem influenciá-la, quando o objeto de estudo é o homem e o seu observador/cientista é também o homem, a coisa complica. O homem, ao olhar para outro homem, elabora e convive com uma série de sentimentos, percepções, pré-conceitos e projeções que são, em muitos casos, inconscientes e difíceis, senão impossíveis de se controlar!

Durante muitos anos, exigiu-se dessas novas ciências que seguissem o padrão pré-estabelecido pelas chamadas ciências duras ou da natureza. Em psicologia, existem relatos de experimentos cômicos, senão tristes, de pesquisadores que se debruçaram por anos tentando investigar qual é a pressão que uma pessoa imprime sobre uma maçaneta quando ela está com pressa, para comparar com os dados de quando ela não está com pressa. Tudo isso com o objetivo de, algum dia, conseguir uma base de dados tão numerosa que fosse capaz de prever se qualquer pessoa, por mais diferente que fosse, pelo simples aperto de maçaneta, estava ou não com pressa! Muitas pessoas gastaram muitos anos de suas vidas nessa busca infrutífera com o nobre intuito de conseguir provar que a psicologia era uma ciência, visto que seria capaz de realizar previsões de ordem quantitativa.

O que os anos provaram é que não bastava uma enorme quantidade de mensurações, cada sujeito ia imprimir uma força diferente sob a maçaneta. O caminho das ciências sociais era outro, pois o importante não era a força que a pessoa empregava para abrir uma maçaneta e sim o que a tornava angustiada ou nervosa o suficiente para motivá-la a abrir a porta com pressa. E essa resposta não seria nunca encontrada em medições de força, mas sim nas relações que o indivíduo tinha com as demais pessoas que o cercavam.

Daí, a necessidade de se pensar em métodos de pesquisa que fossem capazes de descrever essas interações e sua repercussão nos indivíduos, surgindo, assim, os métodos qualitativos!

Os **métodos qualitativos** são utilizados para apreender percepções na realidade. Trata-se de investigar como determinado objeto é percebido em determinada sociedade e momento. Para o IBOPE (2005), “As pesquisas qualitativas possibilitam detectar percepções e tendências, conscientes ou inconscientes, baseadas em aspectos sensoriais e emocionais, nem sempre verbalizadas pelos entrevistados em outros tipos de abordagem.”.

Observe com atenção o quadro de Tomaz-Moreira, Galvão, Medeiros-Melo e Azevedo (2007). Ele representa tudo que já foi discutido sobre esses dois métodos.



Tabela 1 – Síntese das diferenças existentes entre os paradigmas positivista e fenomenológico

POSITIVISMO	FENOMENOLOGIA
<ul style="list-style-type: none"> • Construir explicações totalizantes e invariáveis como nas ciências naturais 	<ul style="list-style-type: none"> • Vida humana é essencialmente diferente e só pode ser compreendida através do mergulho na linguagem significativa da interação social
<ul style="list-style-type: none"> • Separação entre fatos sociais e valores 	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem, práticas e acontecimentos são inseparáveis.
<ul style="list-style-type: none"> • Pretensão de construir conhecimentos objetivos e neutros 	<ul style="list-style-type: none"> • Só há conhecimento subjetivo, pois é o homem que imprime leis ao real, e ato de conhecimento reúne o observador e o observado.
<ul style="list-style-type: none"> • Coerção da sociedade sobre o indivíduo 	<ul style="list-style-type: none"> • Proclama a liberdade do ator social que através de sua história biográfica e em inter-relação com seus semelhantes, cria significados e constrói sua realidade.
<ul style="list-style-type: none"> • Confere primazia ao reinado da ciência (atemporal e isenta de valores) 	<ul style="list-style-type: none"> • Advoga sua submissão aos princípios da ética e da moral de determinada sociedade.

Fonte: Tomaz-Moreira, Galvão, Medeiros-Melo e Azevedo (2007).

3.5. Coleta de dados

Os procedimentos utilizados para a coleta de dados bibliográficos e documentais são basicamente os mesmos. De acordo com Gil (1995), não há regras fixas para a realização desse tipo de investigação, mas ele cita algumas tarefas que se mostraram importantes na investigação, são elas:



Exploração: Consultar livros, revistas científicas, boletins, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, entre outros através de visitas a bibliotecas especializadas.



Leitura do material: Após a localização das fontes bibliográficas, passe a uma leitura rápida do material encontrado e selecione se ele está ou não de acordo com seu problema investigado.



Elaboração de fichas: Os aspectos mais importantes das fontes bibliográficas que puderem interessar na pesquisa devem ser reproduzidos em fichas. Atenção: coloque nelas um breve resumo da obra, citações e trechos importantes.



Ordenação e análise das fichas: As fichas devem ser organizadas de acordo com o seu conteúdo.



Conclusões: A análise dos dados secundários permitirá ao pesquisador chegar a algumas conclusões. Anote-as e sempre as relacione com o seu objetivo de pesquisa.

É importante observar que você não precisa escolher entre pesquisar dados secundários e pesquisar dados primários, pois, na realidade, você deverá fazer as duas coisas. A pesquisa em dados secundários lhe permitirá um olhar mais apurado sobre o seu objeto de estudo. Cabe agora a você definir qual será o meio de pesquisa de fontes primárias e secundárias que irá escolher para seu trabalho.

Agora que aprendemos um pouco mais sobre a forma como podemos organizar nossa pesquisa e nossa investigação, passaremos aos tão valiosos exemplos.



4. Teoria na Prática

Falamos, falamos e falamos de pesquisa, mas não lhe dei ainda nenhum exemplo mais concreto. Então, vamos exemplificar:

Tem uma pesquisa célebre dentro da psicologia e da administração que deu origem à Escola das Relações Humanas e se utilizou tanto de pesquisa em laboratório quanto da pesquisa em campo.

Elton Mayo (1880-1949) é conhecido na Administração como o Papa da Escola de Relações Humanas, isso equivale a dizer que ele criou toda uma inovação na área de gestão de pessoas ao provar que os estímulos psicológicos aumentam a produtividade.

A pesquisa que originou essa teoria se utilizou de ambas as técnicas de pesquisa em fonte primárias citadas nesta aula.

O objetivo inicial da pesquisa era muito simples: Provar que a iluminação influenciava na produtividade.

Na primeira fase da pesquisa, Mayo se utilizou da técnica de pesquisa em laboratório e controlou todas as variáveis da sala de montagem de relés. Qual foi a sua surpresa ao notar que mesmo diminuindo a iluminação a produtividade não caía, pelo contrário aumentava? Isso o deixou tão intrigado que ele iniciou a segunda fase da pesquisa....

Ah! Não vou contar a pesquisa toda... quer saber como essa intrigante investigação acaba? Leia a descrição completa da pesquisa que se encontra na seção Atividades de sua aula *on-line*.



5. Recapitulando

Abaixo, temos um mapa conceitual do conteúdo apresentado. Você deve ser capaz de olhar para os quadros abaixo e definir o que cada um significa.





6. Amplie seus Conhecimentos

Existem vários *sítes* que trabalham a distinção entre pesquisa qualitativa e quantitativa. Gostaria de indicar o *site* do IBOPE por ser confiável e tradicional em pesquisas.

http://www.ibope.com.br/calandraWeb/BDarquivos/sobre_pesquisas/tecnicas_pesquisa.html

Eu também não poderia deixar de indicar o IBGE como fonte de consulta a pesquisas públicas gratuitas de grande confiabilidade.

<http://www.ibge.gov.br>

Temos também o *site* da ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Atualmente está em voga a discussão e padronização dos processos de pesquisa.

<http://www.abep.org>

Uma fonte de dados maravilhosa para a pesquisa bibliográfica é a biblioteca. Lá temos inúmeros livros, periódicos e todos filtrados em sua área de atuação prontos para serem consultados. O primeiro local que devemos visitar antes de qualquer pesquisa é esse espaço de conhecimento.

Abraços,

Adalci Righi



7. Referências

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista em Tese**, v. 2, n. 1, jan./jul. 2005, p. 71. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_res5.pdf>. Acesso em: 15 out. 2005.

FRANCISCONI, Carlos F. de Magalhães; GOLDIM, José Roberto. Ética aplicada a pesquisa. **Cadernos de ética em pesquisa**, Brasília, DF, ano 5, n. 9, p. 8-10, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.unisc.br/pesquisa/cep/caderno9.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

IBOPE Solution. **Bens adquiridos pelas mulheres grávidas**. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=72FBC33EA3FF962F8325706C0046AB50>. Acesso em: 7 set. 2005.

IBOPE. **Pesquisa qualitativa**. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=pesquisa_leitura&nivel=Análises%20e%20Índices&docid=877FBEBAC3D80DD283256EA9006CB7B1>. Acesso em: 7 set. 2005.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MÍDIAQ. **Prêmio mídia Q: qualidade e responsabilidade em programação infanto-juvenil**. São Paulo: [s.n.], set. 2004. Disponível em: <<http://www.midiativa.tv/midiaq/resumo2004.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2005.

OLIVEIRA, Cezar A. **Escola das relações humanas**. Disponível em: <<http://www.professorcezar.adm.br/Textos/Teoria%20das%20relacoes%20humanas.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2005.

TOMAZ-MOREIRA, Simone da Nobrega; FAGUNDES-GALVÃO, Lilian Lira Lisboa; MEDEIROS-MELO, Carmen Oliveira; AZEVEDO, George Dantas de. Fundamentación del abordaje cualitativo para la investigación en salud sexual e reproductiva. **Revista Colombiana de Obstetricia e Ginecologia**, vol. 58, n. 1, p. 23-37. jan-mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74342007000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 out. 2007.